



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

YAN LUIS LIMA DE SOUZA

O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: pesquisa realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Maria Rodrigues Viegas Junior, em Melgaço/PA

MELGAÇO – MARAJÓ – PARÁ
2019

YAN LUIS LIMA DE SOUZA

O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: pesquisa realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Maria Rodrigues Viegas Junior, em Melgaço/PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia. Universidade Federal do Pará, Faculdade de Educação e Ciências Humanas – FECH, Campus Universitário do Marajó/Breves – CUMB.

Orientadora: Profa. Ma. Gicele Brito Ferreira

MELGAÇO – MARAJÓ – PARÁ
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

S719b Souza, Yan Luis Lima de
O bullying no ambiente escolar : pesquisa realizada na
Escola Municipal de Ensino Fundamental José Maria
Rodrigues Viegas Junior, em Melgaço/PA / Yan Luis Lima de
Souza. — 2019.
70 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Gicele Brito Ferreira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Faculdade de Educação, Campus Universitário de Breves,
Universidade Federal do Pará, Breves, 2019.

1. Criança. 2. Bullying. 3. Escola. I. Título.

CDD 371.782

YAN LUIS LIMA DE SOUZA

O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: pesquisa realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Maria Rodrigues Viegas Junior, em Melgaço/PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia. Universidade Federal do Pará, Faculdade de Educação e Ciências Humanas – FECH, Campus Universitário do Marajó/Breves – CUMB.

Orientadora: Profa. Ma. Gicele Brito Ferreira

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Gicele Brito Ferreira
Orientadora - UFPA

Profa. Dra. Cleide Carvalho de Matos
Examinador Interno - UFPA

Prof. Dr. Natamias Lopes de Lima
Examinador Interno - UFPA

Às minhas filhas, Izabelly e Maitê, que são a fonte de minha inspiração para continuar lutando; ao meu filho Matteo Yohan, que está por vir, e;

À minha eterna amiga, Jordana Ribeiro (*In memoriam*), por ter me dado forças e apoio moral quando eu pensei em largar o curso novamente.

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, pelo dom da vida e por ter me dado saúde, sabedoria e perseverança para não desistir deste TCC.

A Universidade Federal do Pará, a todos os docentes e demais servidores que lutam por esta universidade e trabalham diariamente para proporcionar um ambiente propício ao aprendizado de todos os discentes que já passaram, que estão passando e os que ainda irão passar por esta universidade.

A minha orientadora, Profa. Ma. Gicele Brito Ferreira, por toda atenção, suporte e incentivos me dados durante a construção deste trabalho.

A minha avó-mãe, Edina Serra, a qual tomo como exemplo de pessoa ética e moral, justa e batalhadora, por todo o apoio moral e financeiro para que eu pudesse conseguir estudar em outra cidade e, apesar de tudo, nunca ter desistido de mim.

À minha mãe, Gabriela Serra, por ter sempre me ajudado, não só neste trabalho, mas em toda minha vida. Ao meu pai, Haroldo Gomes, por sempre ter me auxiliado como pôde nessa trajetória.

A minha esposa, Patrícia Lopes, por toda ajuda que me deu durante a elaboração deste trabalho, pelo companheirismo e o cuidado que sempre teve comigo.

À Suelene Mendes, que foi minha primeira amiga na turma, por ter me aturado e me ajudado em praticamente tudo nesses quase dois anos que estudamos e moramos juntos.

A todos os amigos e amigas da turma Pedagogia – 2016, pela receptividade, companheirismo e apoio desde o primeiro momento que comecei a estudar em Breves.

À tia Genilce, o tio Gilberto, à Gisele, Gilvana, Geovani, Geovana e Lorena, a toda família Barros, por todo o carinho que tiveram comigo durante eu estar morando em Breves, um verdadeiro exemplo de família.

Ao diretor da EMEF José Maria Rodrigues Viegas Junior, por disponibilizar a escola para que eu realizasse a pesquisa que resultou neste trabalho, e a todas crianças que participaram desta pesquisa.

A todos (as) aqueles (as) que contribuíram direta e indiretamente para a construção deste trabalho.

“Os olhos fechados são poderosos para negar evidências e impedir que as providências necessárias sejam tomadas”

(MALDONADO, 2011, p. 57).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal abordar o bullying no ambiente escolar, e apresentar os resultados da pesquisa realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Maria Rodrigues Viegas Junior, em Melgaço/PA, visando diagnosticar a incidência ou não de casos de bullying na escola. A motivação inicial em abordar o tema se deu pela carência de produções acadêmicas acerca do bullying na região marajoara, e pela preocupação em relação aos relatos sobre violência entre alunos dentro do ambiente escolar no município de Melgaço/PA. Para fundamentar teoricamente este trabalho, Ariès (1981); Rizinni e Pilotti (2011), foram utilizados para balizar a história da criança; para caracterizar o bullying a partir de uma visão multifocal e primando por autores nacionais, foram utilizados, Silva (2015); Gomes e Sanzovo (2013); Lopes Neto (2005); Maldonado (2011); Fante (2015), ainda alguns pesquisadores internacionais, como Olweus (1997); Rigby (2019) e Koo (2007). A pesquisa aplicada à referida escola, teve fins descritivos, e foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados: o questionário, com o corpo docente e técnico-administrativo; e a entrevista semiestruturada com os alunos. Os resultados da pesquisa apontam a incidência de casos de bullying entre alunos nos anos de 2018 e 2019, principalmente na forma verbal e em grafites depreciativos nos banheiros, além disso, constatasse ainda a ausência de projetos e ações voltadas ao combate e prevenção ao bullying na escola, o que pode ser muito prejudicial para aqueles que são vitimizado pelo bullying.

Palavras Chave: Criança. Bullying. Escola.

ABSTRACT

This paper aims to address bullying in the school environment, and present the results of research conducted at the José Maria Rodrigues Viegas Junior Elementary School in Melgaço / PA, aiming to diagnose the incidence or not of bullying cases in school. . The initial motivation to approach the theme was due to the lack of academic productions about bullying in the Marajoara region, and the concern about reports about violence among students within the school environment in Melgaço / PA. To theoretically substantiate this work, Ariès (1981); Rizinni and Pilotti (2011) were used to guide the child's story, to characterize bullying from a multifocal view and striving for national authors, Silva (2015); Gomes and Sanzovo (2013); Lopes Neto (2005); Maldonado (2011); Fante (2015), still some international researchers, such as Olweus (1997); Rigby (2019) and Koo (2007). The research applied to that school had descriptive purposes, and two data collection instruments were used: the questionnaire, with the faculty and the technical-administrative staff; and the semi-structured interview with the students. The results of the research indicate the existence of cases of bullying among students in the years 2018 and 2019, especially in verbal form and in derogatory graffiti in the bathrooms. In addition, there was the absence of projects and actions aimed at combating and preventing bullying in the school, which can be very harmful to those who are victimized by bullying.

Keywords: Child. Bullying. School

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantitativo de alunos participantes e com aprendizagem adequada, em Melgaço/PA, segundo a Prova Brasil 2017.....	19
Gráfico 2 – Quantitativo de alunos envolvidos e algum tipo de violência na escola, forma, sexo e tipo de violência.....	47
Gráfico 3 – Porcentagem das formas de agressão relatada pelos alunos.	48
Gráfico 4 – Percentual dos locais onde ocorrem os casos de violências na EMEF José M ^a R. Viegas Jr.....	48
Gráfico 5 – Quantitativo de alunos envolvidos em Bullying em cada posição, na EMEF José M ^a R. Viegas Jr.	50
Gráfico 6 – Quantitativo dos locais onde ocorreram os casos de bullying, na EMEF José M ^a R. Viegas Jr.	52
Gráfico 7 – Quantitativo das respostas dos alunos em relação à pergunta: se estarem expostos à violência na escola pode ou não comprometer seu rendimento escolar?	54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: A CRIANÇA, A ESCOLA, A LEGISLAÇÃO E A VIOLÊNCIA SISTEMÁTICA ENTRE PARES	15
2.1	O trajeto histórico da criança no Brasil e no mundo, e a legislação de proteção aos seus direitos	15
2.2	A criança e a educação no Município de Melgaço/PA	18
2.3	O ambiente escolar e o bullying	20
2.4	O bullying: características gerais e formas de ocorrência	21
2.4.1	Caracterização do que de fato é bullying	23
2.4.2	Os “personagens dessa tragédia”	24
2.4.3	As consequências do bullying para os envolvidos e para o ambiente escolar	27
2.5	As pesquisas no Brasil	31
3	A CONSTRUÇÃO CONCEITUAL E TEÓRICA SOBRE O BULLYING	33
3.1	Construção teórica em âmbito nacional: o bullying quanto fenômeno multifocal	35
4	A PESQUISA NA EMEF JOSÉ M^a RODRIGUES VIEGAS JR. E OS RESULTADOS OBTIDOS	38
4.1	Características gerais da pesquisa	39
4.2	A análise dos questionários	41
4.3	As entrevistas com os alunos	45
4.3.1	O envolvimento dos alunos em situações de violências	46
4.3.2	O bullying na EMEF José M ^a Rodrigues Viegas Junior	50
4.3.3	O bullying e a relação com o rendimento escolar	53
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS	58
	APÊNDICE A – Modelo do questionário entregue aos docentes e técnicos administrativos da EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr	62
	APÊNDICE B – Roteiro base utilizado para as entrevistas com os alunos participantes da pesquisa na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr	64
	ANEXO A – Resposta do Conselho Tutelar de Melgaço, ao ofício 001/2018	67
	ANEXO B – Fotografias registradas no banheiro da EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr	68

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as crianças, à luz de várias instituições e Leis, já são reconhecidas como cidadãs de direitos e que devem ter esses direitos garantidos, no entanto, até chegar a esse patamar, uma longa trajetória foi traçada. Ariès (1981, p. 50) afirma que “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la.”, a arte tinha papel importante naquela época, e essa afirmação mostra que a criança não ocupava lugar central na sociedade medieval.

Nos séculos XV e XVI, as crianças começam a surgir nas pinturas, são representadas ainda de forma tímida no meio dos outros personagens da pintura, porém, é a partir do século XVII, é que as famílias começam a representar as crianças em quadros próprios, estas sendo representadas com todas suas particularidades físicas (ARIÈS, 1981).

No Brasil, a responsabilidade pela criança, ao longo do tempo, foi “mudando de mão” e responsabilidade. Desde o período colonial com os padres Jesuítas, com os senhores de escravos, que as utilizavam como mão de obra, perpassando pela criação de várias instituições ao longo do tempo, cada uma atendendo interesses inerentes àquela época ou regime de governo, até a década de 80, quando a sociedade civil começa a questionar mais assiduamente as irregularidades nessas instituições, e tal movimento é de suma importância para a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no ano de 1990. (RIZINNI; PILOTTI, 2011).

Assim, a criança e o adolescente passam por um longo período histórico sem garantias mínimas de seus direitos fundamentais, impossibilitando assim seu pleno desenvolvimento e estando constantemente expostos às violências que se manifestam na sociedade.

O termo violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital), no momento que esta força ultrapassa os limites, ela se torna a violência, em sua forma maléfica, que causa dano (ZALUAR, 1999).

A violência, que de um modo geral, sempre esteve presente na história da humanidade. Desde os primórdios, um dos principais modos de conquista, dominação e subsistência da raça humana, foi moldado por meio da violência

deliberada, com o uso da força. No entanto, a civilidade entre os seres humanos, ou seja, a necessidade de se viver em conjunto, veio ajudar canalizar essa agressividade, e faz com que se “diferenciem” dos animais, como explica Susin e Fleitas (2016, p. 119) “o homem teve que passar do poder de uma só vontade tirânica ao poder de todos, ao poder da comunidade, isto é, todos tiveram que sacrificar algo de seus impulsos instintivos: a civilização os restringiu.”, logo, tiveram que se adaptar a viver em sociedade, controlando seu ímpeto pela agressão deliberada. Isso não quer dizer que a violência deixou de existir, “ela” somente ganhou novas formas e motivações, como afirma Paviani (2016) ainda estamos diante das guerras, das revoluções, do terrorismo, do genocídio, a violência urbana, a violência contra a criança, contra o adolescente, contra a mulher; o estupro, o assédio sexual, o bullying, os índices de violências na contemporaneidade continuam sendo extremamente altos, e causam preocupação no mundo todo.

Com o enfoque voltado à violência envolvendo a criança e o adolescente, este trabalho vem abordar principalmente um tipo específico de violência, que é o bullying entre alunos no ambiente escolar.

Este, visto, como um tipo de violência, não é fenômeno novo, apenas os estudos sistemáticos acerca do assunto é que foram cada vez maiores nas últimas décadas, mais precisamente, na década de 1990, e se expandindo no decorrer dos anos.

Uma das explicações para essa crescente preocupação com o bullying no ambiente escolar, é a associação com casos de massacres em escolas, como na *Columbine High School*, nos EUA, e na escola Tássio da Silveira, em Realengo, no Brasil, e vários outros pelo mundo. Durante as investigações, foram encontradas evidências de que um dos motivadores para os executores desses massacres tomarem essa atitude foram justamente as agressões repetitiva que sofreram na escola, ou seja, a exposição ou vitimização acabou causando danos psicológicos nessas vítimas.

Outra preocupação também é o fator de que se um aluno está exposto constantemente às situações de violência no ambiente escolar, este tende a ter o rendimento escolar comprometido, até por que, a escola deve ser um ambiente de paz, saudável para a construção do conhecimento, pois, um ambiente acometido de violência, acaba se tornando hostil para todos aqueles que dele usufruem.

Sendo assim, é importante que cada vez mais as pesquisas e estudos que visem a diagnose do problema, sejam estimuladas e apoiadas nas escolas, e ainda, projetos que busquem construir um ambiente pautado na cultura de paz, precisam ter esta mesma importância. Pois, negar que determinado problema não existe em determinada escola, sem ao menos aplicar uma pesquisa para ratificar tal afirmação, é somente fechar os olhos para uma possível tragédia, ou, desviar a atenção de alunos que provavelmente sofrem com esse tipo de violência, pois não acreditam que a própria escola possa lhes ajudar.

Considerando que o bullying está presente no mundo todo e não escolhe classe social, escola pública ou privada, em bairro nobre ou na periferia, meio urbano ou rural, ou seja, pode estar presente em qualquer escola, e ainda, os vários relatos de brigas entre alunos dentro e fora das escolas, bem como, os murmúrios constantes acerca de confusões dentro do ambiente escolar, e os registros ocorridos na Delegacia do Município de Melgaço, despertou a curiosidade de como este tipo de violência estava acontecendo.

Como primeira iniciativa na busca do problema de pesquisa, foi enviado um ofício ao Conselho Tutelar do Município, justamente para verificar se essas ocorrências são devidamente registradas e em que quantidade ocorrem, ao ofício, foi respondido que o órgão, em todo o período de atuação, recebeu 10 denúncias de casos de violência no ambiente escolar, e todos são da EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr.

Diante das informações preliminares foi realizada uma pesquisa na escola, com o objetivo de identificar como este tipo de violência ocorre e suas implicações no desempenho escolar dos discentes. A pesquisa foi realizada no período de 27 de março a 12 de abril de 2019, e contou com a participação de 17 alunos e alunas regularmente matriculados (as) na instituição, bem como, de 03 docentes e 01 coordenadora pedagógica. Foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados: com os alunos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e diretas; com os docentes e técnicos administrativos, foi aplicado o questionário com perguntas abertas.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo inicial, mostrar o trajeto histórico da criança até esta ser reconhecida em suas peculiaridades e protegidas pela legislação nacional; apresentar os principais conceitos acerca do bullying na escola; e por final, apresentar os resultados da pesquisa realizada na

Escola Municipal de Ensino Fundamental José M^a Rodrigues Viegas Junior, em Melgaço-PA, fazendo um contraste com pesquisas realizadas no cenário nacional.

Para isso, o TCC está dividido em três capítulos: o primeiro capítulo irá apresentar a evolução do sentimento da infância, a concepção acerca da criança na história e a escola como ambiente em exposição às violências, bem como, os conceitos gerais acerca do bullying, histórico, formas, envolvidos, impactos negativos no processo de ensino e aprendizagem, no desenvolvimento da criança e para o ambiente escolar como um todo, pesquisas e legislação inerente à proteção e garantia de direitos da criança e do adolescente; o segundo capítulo versará acerca dos referenciais teóricos utilizados para a elaboração desta pesquisa, apresentando autores e pesquisadores em nível internacional, mas principalmente em nível nacional, e fazendo uma abordagem multifocal com que é trabalhado este tema atualmente, ou seja, apresentando autores de diversas áreas de estudo, como, da educação, da saúde física e mental, assistência social, psicologia e do meio jurídico; e o terceiro capítulo, é a apresentação, em sua totalidade, dos resultados da pesquisa realizada na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Junior, contrastando com os resultados de pesquisas já realizadas no Brasil e no mundo.

2 O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: A CRIANÇA, A ESCOLA, A LEGISLAÇÃO E A VIOLÊNCIA SISTEMÁTICA ENTRE PARES

2.1 O trajeto histórico da criança no Brasil e no mundo, e a legislação de proteção aos seus direitos

Todo trabalho onde o foco é abordar a criança e suas particularidades, precisa dar uma certa ênfase no trajeto histórico que a criança traçou até ser reconhecida e respeitada em suas particularidades, amparada e protegida pelas Leis que garantem seu pleno desenvolvimento físico e moral na sociedade. Nesse sentido, Ariès (1981), em sua obra “História Social da Criança e da Família”, mostra que nas sociedades antigas, correspondente por um período da Idade Média, o sentimento de infância inexistia, ou seja, não se levava em consideração as particularidades da criança, a partir do momento que ela já tivesse condições de andar, falar, ter certa independência, ela já era misturada aos adultos. Tinha-se que a criança pequena poderia a qualquer momento “desaparecer”, e isso era tratado com normalidade, a taxa de mortalidade infantil na época era muito alta, claro, não quer dizer que não havia preocupação com essa mortandade, no entanto, se formos comparar aos nossos dias, era uma realidade bem diferente.

A criança, até o século XII, não era importante na representação em obras de arte medievais, e quando eram representadas, era em forma de miniatura, dando um sentimento totalmente deturpado ao sentimento de infância, a arte nessa época era de grande relevância na sociedade e a criança, ainda era tratada como um ser “descartável” para os adultos, este sentimento só vem ter nítida mudança a partir do século XVII, quando as crianças já aparecem em várias obras, representadas com seus traços particulares, desconstruindo aquela imagem da criança “descartável”. O advento dos colégios, têm grande relevância na mudança acerca da atenção dispensada pela família à criança, como afirma o autor:

A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno da criança, o clima sentimental era agora totalmente diferente, mais próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo que a escola (ARIÈS, 1981, p. 232).

O sentimento de família, em que dispensa uma maior atenção à criança, seu desenvolvimento, bem como suas particularidades, é próprio do

sentimento da infância, agora a criança é vista na sociedade, no seio da família, é dada importância às suas peculiaridades.

Em âmbito nacional, o trajeto histórico da criança até ser reconhecida como pessoa com direitos perante a sociedade, foi marcado pelo descaso e exposição às mazelas sociais existentes, para situar o leitor nesse assunto, utiliza-se a obra “A arte de governar crianças”, de Rizinni e Pilotti (2011), nesta, os autores mostram que a responsabilidade pela criança, ao longo do tempo, vem “mudando de mão”, de responsabilidade. “Pode-se dizer que durante três séculos e meio, as iniciativas em relação à infância pobre no Brasil foram quase todas de caráter religioso” (RIZINNI; PILOTTI, 2011, p. 180), até então, o Estado não demonstrava interesse algum inerente às crianças pobres da sociedade, quadro que começa a mudar após 1850, que é quando o Estado cria algumas instituições para acolhimento – ou recolhimento – e dessas crianças órfãs, desvalidas, que vagavam nas ruas, e na maior parte dessas instituições, era oferecido ensino prático ou profissionalizante, preparando-os para o trabalho e as meninas, para o serviço doméstico. O abandono de crianças nas portas de igrejas e até mesmo nas ruas eram constantes e “[...] eram frequentemente devoradas por cães, porcos ou outros animais. Outras vezes, morriam de fome ou de exposição aos elementos” (ORLANDI, 1985, p.75 apud RIZINNI; PILOTTI, 2011, p. 176).

Desde o período colonial com os padres Jesuítas, com os senhores de escravos, que as utilizavam como mão de obra; o Sistema de Roda criado pela Santa Casa de Misericórdia, que acolhia as crianças expostas, mas na verdade o objetivo intrínseco era esconder aquelas crianças geradas fora do casamento dos da elite da sociedade; o asilo para crianças foi outra maneira de recolher aqueles que estavam soltos ameaçando a ordem pública; os higienistas interveem também no sentido de levar os cuidados médicos para as Casas dos Expostos; os tribunais, que seriam para garantir os direitos desses menores, acaba sendo nada mais que um órgão encaminhador de crianças e adolescentes para os reformatórios e casas de correção; as crianças trabalhadoras durante o século XIX e perdurou no século XX, apenas mudando as formas com que eram utilizadas; na família pobre, geralmente era tida como sem condições financeiras e morais para a criação da criança, podendo o Estado intervir no seio da família através da retirada e restituição do Pátrio Poder; o clientelismo, troca de favores, corrupção sempre estiveram presentes; no período da Ditadura Militar, cria-se a FUNABEM e

PNBEM, que não muda muito em relação às já criadas anteriormente; na década de 1980, a sociedade civil começa a questionar mais assiduamente as irregularidades nessas instituições, tal movimento é de suma importância para a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (RIZINNI; PILOTTI, 2011).

Após um longo período histórico, a criança vai aos poucos deixando de ser tratada como propriedade descartável na sociedade, e começa a ser vista como cidadã de direitos, a Constituição Federal do Brasil, de 1988, em seu artigo 227, assegura que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988).

A Lei 8069/90, dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, sendo um dos mais importantes instrumentos de defesa dos direitos da criança e promoção do bem-estar e garantias para seu pleno desenvolvimento na sociedade. No artigo 3º, a referida Lei versa que:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, 1990).

Prosseguindo, em seu artigo 5ª, garante que:

[...] Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (BRASIL, 1990).

Nesse sentido visa proteger efetivamente a criança de situações de violência, o artigo 13, da Lei supracitada, estabelece que, obrigatoriamente, os casos de suspeita e/ou confirmação de castigos físicos e tratamento cruel ou degradante contra a criança, deverão ser comunicados ao Conselho Tutelar do município, para que este órgão tome as providências cabíveis (BRASIL, 1990). Ainda, importa citar o artigo 15, do Estatuto da Criança e do Adolescente, onde

garante à criança e ao adolescente o direito “[...] à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos [...] garantidos na Constituição e nas leis” (BRASIL, 1990). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ainda dispõe uma série de artigos inerentes à proteção e garantias dos direitos da criança e do adolescente, que diante da trajetória histórica da criança, é de fundamental importância que lhes sejam garantidas por Lei, seus direitos na sociedade, pois, como foi visto, antes disso eram tratadas com desprezo e constantemente expostas às mazelas sociais, sendo vulneráveis à violência cotidiana.

2.2 A criança e a educação no município de Melgaço/PA

O município de Melgaço, localizado no estado do Pará, mais precisamente na mesorregião do Marajó, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2010), possui uma população total de 24.808 habitantes. As crianças em idade de 5 a 14 anos, somam 7.243, aproximadamente 29% da população total do município está nesta faixa etária. O município faz parte de uma realidade precária segundo os órgãos estatísticos, assim como alguns outros municípios da região marajoara. Um dos indicadores negativos que mais preocupam é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que consiste em “[...] uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde” (PNUD Brasil), adaptando à realidade brasileira.

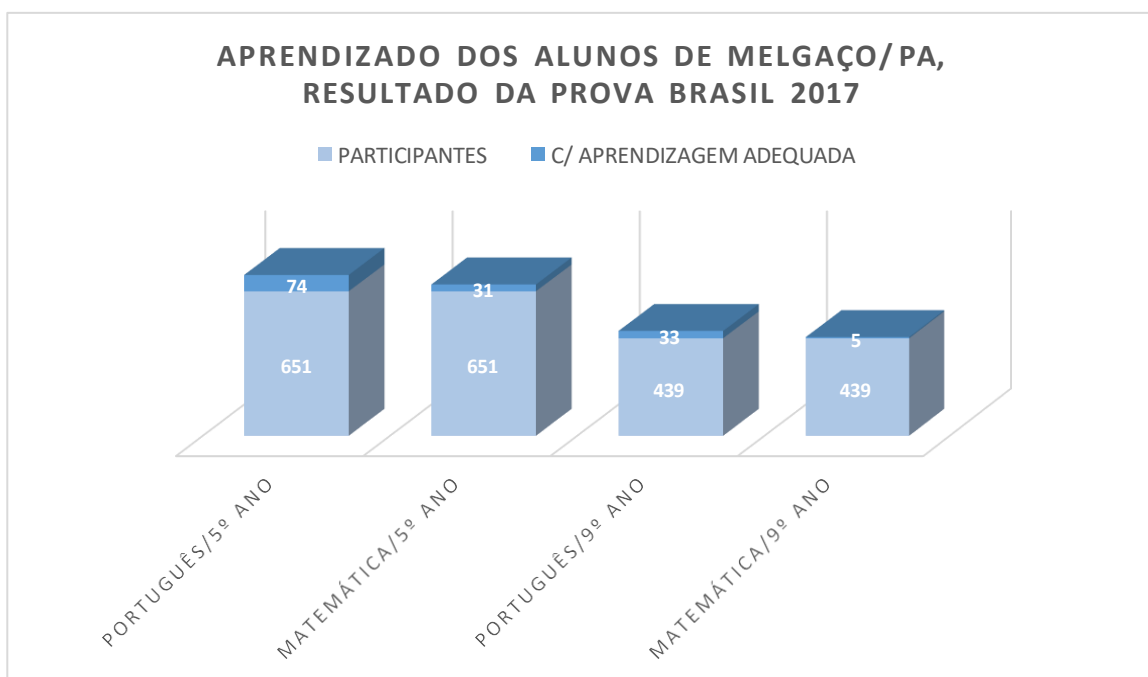
Em 2012, o PNUD Brasil, o Ipea e a Fundação João Pinheiro assumiram o desafio de adaptar a metodologia do IDH Global para calcular o IDH Municipal (IDHM) dos 5.565 municípios brasileiros. Esse cálculo foi realizado a partir das informações dos 3 últimos Censos Demográficos do IBGE – 1991, 2000 e 2010 – e conforme a malha municipal existente em 2010. [...] Assim, o IDHM – incluindo seus três componentes, IDHM Longevidade, IDHM Educação e IDHM Renda - conta um pouco da história dos municípios, estados e regiões metropolitanas em três importantes dimensões do desenvolvimento humano durante duas décadas da história brasileira. (ATLAS, 2013).

Nesse contexto, classificando os municípios do Brasil conforme seus respectivos Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o município de Melgaço “ganhou” o título de pior município para se viver no Brasil, o IDHM de 0,418, o classifica como Muito Baixo (IDHM entre 0 e 0,499) (ATLAS, 2013), ocupando

assim a última posição entre todos os municípios do Brasil.

No que diz respeito à educação, os dados estatísticos também não são favoráveis ao município. A taxa de escolarização de crianças em idade de 6 a 14 anos, é de 85,4%, ocupando a posição 5519, de 5570 municípios (IBGE, 2010). O site educacional QEDU Academia, fez um apanhado geral dos resultados da Prova Brasil 2017, prova esta que “[...] tem como objetivo a produção de informações sobre os níveis de aprendizagem em Língua Portuguesa - ênfase em leitura, e em Matemática – ênfase em resolução de problemas”, no município de Melgaço/PA, os índices estão muito abaixo do adequado, que é 70%, essa é a proporção de alunos que deve aprender o adequado até 2022 (QEDU Academia, [2019]), conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Quantitativo de alunos participantes e com aprendizagem adequada, em Melgaço/PA, segundo a Prova Brasil 2017.



Fonte: QEDU Academia, 2019.

O gráfico acima representa as estatísticas da Prova Brasil de 2017, apresenta percentual preocupante no que diz respeito ao aprendizado básico dos alunos de 5º e 9º ano do ensino fundamental. Apenas 1% dos alunos que participaram da prova, tiveram com nota média adequada em matemática no 9º ano, e somente 8% em português, no 5º ano, os índices não são muito diferentes, sendo que 5% dos alunos participantes conseguiram média adequada em matemática e 12% em português.

2.3 O ambiente escolar e o bullying

Hoje, é insustentável, pensar a escola como somente um lugar onde a criança irá para que lhe seja apresentado conteúdos formais, ou seja, pensar a escola com a única função de aprendizagem de conteúdo. A escola é um ambiente de interação e desenvolvimento social e é de fundamental importância para a construção da identidade da criança, tanto que “[...] ao longo da infância e da adolescência, os relacionamentos firmados no interior da escola são fundamentais na definição da ideia de “eu”, da imagem que o aluno tem de si [...] e sua postura perante a sociedade” (SILVA; COSTA, 2016, p. 643). No entanto, como uma instituição complexa, a escola possui particularidades de acordo com o meio social em que está inserida, refletindo boa parte das mazelas sociais que a cercam, e nisso, também está exposta aos diversos tipos de violência desencadeados na sociedade.

Dentro da escola, podemos perceber alguns conceitos de violência recorrentes que também são perceptíveis fora dela, tais como, a indisciplina, conduta antissocial, delinquência juvenil, distúrbio de conduta e *bullying*. (MARTINS, 2005, apud ANTUNES, 2010), e estes tipos de violência presentes na escola, na maioria das vezes são influenciadas diretamente pelo meio externo e das mais diversas formas, sejam elas pela TV, internet, convívio familiar e/ou do meio social em que está inserido.

Nessa diversidade de tipos e formas de violências existentes, o bullying é um tipo específico, um subgrupo, e está cada vez mais evidente no ambiente escolar, por definição, Cleo Fante, em umas das definições mais citadas no Brasil, afirma que o bullying caracteriza-se por “[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento” (FANTE, 2005, p. 28). Devemos atentar para as características amplas, que não se restringem apenas às atitudes agressivas, mas também a *repetição, intenção de causar dano, não motivação*, ou seja, agressão deliberada, o que é diferente de uma briga entre dois alunos, por exemplo.

De acordo com estudos internacionais, os casos de bullying podem ser percebidos desde o início escolar, no entanto, vai se agravando conforme o grau de escolaridade, chegando ao ápice na fase da adolescência, principalmente entre os 11 e 15 anos de idade (PLAN BRASIL, 2019). Desta forma, é importante evidenciar que:

Se o bullying, de acordo com a concepção mais aceita, tem estreito vínculo com o ambiente escolar [...] não há como conceber a ideia de que tal fenômeno seja inédito ou recente, visto que, na verdade, sempre existiu. O que é certo, no entanto, é que apenas nas últimas décadas tal prática passou a ser estudada sistematicamente. [...] **Sendo assim, o bullying não é fenômeno novo. Seu estudo científico, sim.** (GOMES; SANZOVO, 2013, p. 42, grifo nosso).

Essa afirmação desconstrói o discurso bastante utilizado nos dias atuais de pessoas que dizem: “na minha época não tinha esse negócio de bullying”, onde, na verdade, o que não havia era o conhecimento acerca do assunto.

2.4 O bullying: características gerais e formas de ocorrência

O termo “bullying”, “De origem inglesa, é derivado do verbo *to bully*, que significa ‘ameaçar, amedrontar, intimidar’” (MICHAELIS, 2009 apud GOMES; SANZOVO, 2013, p. 17) apesar de alguns países utilizarem alguns termos aproximados do significado, o termo em inglês é amplamente utilizado no Brasil e no mundo, pelo fato de não ter um termo que se equipare ao mesmo, justamente pela complexidade do fenômeno em questão. No entanto, no Brasil, pode ser considerada também as designações de “intimidação sistemática”, como previsto na Lei 13.185/15 (BRASIL, 2015), a qual será abordada no decorrer deste trabalho.

Acredita-se que o bullying tenha surgido juntamente com os primeiros modelos de escola, de ambiente escolar, Gomes e Sanzovo (2013), apresentam dois momentos históricos, o primeiro é no ano 387 a.C., com as escolas informais na Grécia Antiga, e no século XII, na Europa, com o surgimento das escolas nos modelos que são adotados atualmente. Os autores afirmam ainda que:

[...] não há como conceber a ideia de que tal fenômeno seja inédito ou recente, visto que, na verdade, sempre existiu. O que é certo, no entanto, é que apenas nas últimas décadas tal prática passou a ser estudada sistematicamente. (GOMES; SANZOVO, 2013, p. 41).

Tanto é que o primeiro estudo acerca de comportamento semelhante ao bullying, cujos registros aproximam-se dos moldes de estudo que temos hoje, foi publicado somente no ano de 1897, por Frederick L. Burk, o título era “*Teasing and Bullying*”, que em tradução livre quer dizer “provocação e intimidação”, que abordava comportamentos de torturadores e vítimas, além de fornecer exemplos de vitimização entre crianças (BURK, 1897 apud KOO, 2007, p. 107). Após essa publicação, há uma

lacuna histórica em relação ao assunto, que só é retomado nos anos 70, com Anatol Pikas, em 1972 e com trabalhos voltados à prevenção da violência entre alunos na escola, e principalmente, com os estudos de Dan Olweus em 1978, realizando pesquisas sistemáticas e direcionadas a diagnosticar índices de violência entre alunos no ambiente escolar.

Isso não quer dizer que em épocas anteriores bullying nas escolas foi ignorado. Houve muita discussão pública animada de bullying nas escolas privadas inglesas, em meados do século XIX, após a publicação do famoso romance de Tom Brown, “Dias escolares” (Hughes, 1857). Este livro evoca fortes expressões de repúdio direção, e condenação da prática de bullying [...]. (RIGBY; SMITH; PEPLER, 2004, p. 1).

Um dos marcos históricos no que diz respeito às pesquisas sistemáticas voltadas ao diagnóstico do bullying no ambiente escolar, foi justamente a pesquisa realizada pelo pesquisador Dan Olweus da Universidade de Berger, Noruega, que, após constatado que os fatores determinantes para o suicídio de três crianças norueguesas – no ano de 1980 – com idade entre dez e catorze anos, haviam sido as situações de agressões sofridas dentro do ambiente escolar – fato que causou grande comoção naquele país – e, por determinação do Ministério da Educação da Noruega, iniciou uma pesquisa em larga escala, contando com 84 mil estudantes, 400 professores e 1000 pais de alunos. A pesquisa constatou que 1 em cada 7 alunos encontram-se envolvidos em casos de bullying (SILVA, 2015, p. 113-114).

Posterior a pesquisa realizada por Dan Olweus, o assunto passa a provocar interesse em outros países também, e foi ganhando cada vez mais notoriedade, segundo Lopes Neto (2005) ganham destaque a partir dos anos 90, além de Olweus, com Smith & Sharp, 1994; Ross, 1996; Rigby, 1996; todos apresentando pesquisas e estudos sistematizados sobre a temática em seus respectivos países. No Brasil, a primeira pesquisa acerca do bullying foi realizada apenas no ano de 1997, pela professora Marta Canfield, em Santa Maria/RS, posteriormente, Figueira e Ferreira Neto, em 2001, e Fante, em 2005 (ANTUNES, 2010, p. 29), e a partir disso, as pesquisas se intensificaram pelo Brasil, tendo o bullying, ganhado maior notoriedade no Brasil, principalmente através da mídia.

2.4.1 Caracterização do que de fato é bullying

Para que ocorra de fato o bullying, as situações devem conter todos os quesitos que caracterizam este tipo de agressão, ou seja, como citado anteriormente, o bullying se consuma quando estamos diante de:

[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. (FANTE, 2005, p. 28).

Para que o termo não se banalize, Maldonado (2011, p. 15) esclarece que nem toda agressão é caracterizada como bullying, mas, todo caso de bullying é uma agressão, pelo fato de que podem existir casos de agressões isoladas, decorrentes de discussões, brigas entre alunos, xingamentos e apelidos esporádicos, não estando presente assim um dos quesitos, que é a *repetição*.

Várias são as formas de violências que podem ser adotadas pelos alunos com o objetivo de intimidar, humilhar ou causar qualquer tipo de dano ao outro, dentre estes, ressaltamos os seguintes:

São expressões comuns do bullying: agressões físicas, intimidação, ameaças explícitas ou veladas, comentários maldosos, apelidos depreciativos, xingamentos, difamação, roubo ou destruição de pertences, exclusão social. (MALDONADO, 2011, p. 14).

Estas formas são comumente possíveis de observar nas escolas, determinadas atitudes desferidas de um aluno ao outro e, que na maioria das vezes, são consideradas simples brincadeiras ou coisas da idade. No entanto, essas atitudes agressivas, somadas aos demais fatores como: *intencionalidade de causar dano*, *repetição*, é que acarretam o bullying e suas consequências.

Ainda, é importante levar em consideração o que consta na Lei 13185/15, que “Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)” (BRASIL, 2015), em seu artigo 2º, rege sobre as características do bullying (ou, intimidação sistemática):

Caracteriza-se a intimidação sistemática (bullying) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- 2.4.1.1 - Ataques físicos;
- 2.4.1.2 - Insultos pessoais;
- 2.4.1.3 - Comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- 2.4.1.4- Ameaças por quaisquer meios;
- 2.4.1.5- Grafites depreciativos;

- 2.4.1.6- Expressões preconceituosas;
- 2.4.1.7- Isolamento social consciente e premeditado;
- 2.4.1.8- pilhérias. (BRASIL, 2015).

Concomitante com as formas em que o bullying pode se apresentar ou ser praticado, vêm as suas respectivas classificações

Art. 3º A intimidação sistemática (bullying) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

- I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
- II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
- III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
- IV - social: ignorar, isolar e excluir;
- V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
- VI - físico: socar, chutar, bater;
- VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
- VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social. (BRASIL, 2015).

Estes pontos são utilizados para questão de informação, pois nas formas, já fica evidente a possível classificação.

No entanto, um ponto da Lei 13185/15, que apesar de não ser o foco deste trabalho, mas que deve ser levado em consideração, é o artigo 3º, inciso “VIII”, que versa sobre as práticas virtuais dessa violência. Na atualidade, essa é uma prática bastante comum, justamente pelo avanço dos meios de comunicação em massa: internet, *smartphone*, computador, *tablets* e etc. ou seja, as informações circulam de forma extremamente rápida, como dizem “num *click*” e, ainda, tem o fator de “invisibilidade”, a possibilidade de o autor se “esconder na rede”, pois dificilmente se consegue chegar aos responsáveis pelo compartilhamento de determinado conteúdo na internet, a não ser que esta pessoa queira ou que se recorra às delegacias especializadas.

2.4.2 Os “personagens dessa tragédia”

A expressão “personagens”, não é utilizada para fantasiar a questão do bullying na escola, mas sim, adotada de uma forma análoga às tragédias gregas que, como afirma Silva (2015, p. 35) “[...] o bullying também é constituído de personagens e enredos que nos despertam terror, compaixão e empatia”, daí a expressão

“personagens”, para exemplificar os envolvidos nos casos de bullying na escola. Muitos acham que os únicos envolvidos são os autores e os alvos, no entanto, existe outro “personagem” nessas situações: são os espectadores, aqueles que presenciam as agressões. Logo, podemos ter três personagens envolvidos diretamente nas situações de agressão: *vítima, autor e espectador*.

Quem sofre o bullying diretamente (as vítimas), são as mais prejudicadas e, as que sofrem as maiores consequências negativas dessa prática, sempre adotam postura passiva diante as agressões, não sendo capazes de se defender e, na maioria das vezes, nem ao menos de comunicar para alguém as agressões que vem sofrendo. Existe uma forma de classificar as vítimas, primeiro temos a “vítima típica”, que, segundo Silva (2015) são aquelas que têm características peculiares, como, timidez, fragilidade física, ou outras características físicas que o destaque, como, cor da pele, cabelo, e etc. ou seja, os agressores já “miram” aquela criança ou adolescente, justamente por demonstrar fragilidade e pela certeza de que esta não reagirá de forma alguma.

A vulnerabilidade da vítima está atrelada à pouca habilidade de socialização, à insegurança, à sensibilidade e à fragilidade extrema, à timidez, à passividade e à submissão. (FANTE; PEDRA, 2008 apud GOMES; SANZOVO, 2013, p. 75).

Outro tipo classificado por Silva (2015) é a “vítima provocadora”, que “[...] é aquela capaz de insuflar em seus colegas reações agressivas contra si mesma. No entanto, não consegue responder aos revides de forma satisfatória”. A autora apresenta exemplos de alunos com Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), onde criam situações “embaraçosas”, chamando atenção dos agressores, tornando-se assim, uma das vítimas “alvo” destes. No entanto, vale ressaltar que “Abordar a questão da vítima provocadora não exime o agressor da responsabilidade pelos seus atos” (MALDONADO, 2011, p. 23), de certo, a provocação não serve como prerrogativa para o autor (agressor), se utilizar de meios violentos para responder àquela provocação.

Por último, importa falar ainda da “vítima agressora”, que é justamente aquele aluno que passou por tantas situações de mal tratos, que começa a reproduzi-los como forma de compensar o sofrimento que outros causaram a si. Essa atitude, contribui para a propagação da violência, como afirma Silva (2015, p. 40) “Isso aciona um efeito cascata ou de círculo vicioso, que transforma o bullying em um problema de

difícil controle e que ganha proporções infelizes [...]”, ou seja, ao invés de prosperar um ambiente saudável de não violência na escola, acaba desencadeando uma crescente onda de violência entre os alunos.

Outro personagem envolvido diretamente no bullying, são os autores (*bullies*), Gomes e Sanzovo (2013, p. 72), afirmam que “Examinar os agressores e suas condutas é compreender a própria essência do bullying escolar [...]”, para não ficar de forma tão rasa, importa ainda comentar sobre as possíveis motivações para que esses alunos se tornem agressores dos próprios colegas. Para Fante (2005, p. 73) o agressor “[...] sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça de conseguir aquilo a que se propõe”, seguindo neste mesmo pensamento, Silva (2015, p. 42) considera que “[...] essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado por meio da força física ou de intenso assédio psicológico.”, ou seja, tem estrita ligação com o desejo de dominação sob os demais colegas.

Outra consideração importante, é a apresentada por Olweus (1993, apud MANZINI; BRANCO, 2017, p. 25) que “[...] a criança agressora não seria vítima de sofrimentos psicológicos internos, mas marcada por um temperamento agressivo e fruto da educação e da convivência com pais hostis, permissivos ou violentos”, fatores que não estão ligados única e exclusivamente ao ambiente escolar, mas também no seio da família.

O último “personagem” envolvido no bullying, são os espectadores, aqueles que presenciam as situações de violência entre os colegas. Eles também podem ser divididos em grupos, são quatro, os espectadores *passivos*, *neutros*, *ativos* e *protetores*, especificando cada um deles, temos:

Os “espectadores passivos”, que segundo Silva (2015), são aqueles que presenciam as situações de violência, no entanto, por medo de sofrer represálias por parte dos agressores, e, sentindo-se em condição inferior ao mesmo, acabam ficando em silêncio, não se manifestando e nem denunciando os casos presenciados. Os “espectadores neutros”, são aqueles que se abstêm, não demonstram sensibilidade diante das situações de agressão que presenciam outros colegas sofrerem, ou seja, “fingem que não viram nada”, somente para não ter o “trabalho” de defender ou denunciar os casos.

Os “espectadores ativos”, são aqueles que apoiam o agressor, não participam na agressão diretamente, mas incentivam os agressores a praticarem e continuarem

praticando tal ato. Apesar de não estarem envolvidos diretamente na agressão, se divertem também às custas do sofrimento do colega que está sendo vítima do agressor.

Os “espectadores protetores” são aqueles que ajudam as vítimas, “[...] é composta por espectadores que, por compaixão ou solidariedade, se aliam às vítimas inibindo ou desarmando as ações de bullying” (MALDONADO, 2011, p. 34), ou seja, são aqueles que ao invés de encorajar o agressor, se alia ao agredido, de forma que esse se sinta protegido, e são atitudes como essas que devem ser encorajadas dentro do ambiente escolar.

2.4.3 As consequências do bullying para os envolvidos e para o ambiente Escolar

O bullying não é apenas uma brincadeira corriqueira, ou que faz parte do desenvolvimento da criança e do adolescente, o bullying é tratado como uma categoria de violência, com suas especificidades, indo além de brincadeiras ou simples desentendimentos entre estudantes, Gomes e Sanzovo (2013, p. 54) afirmam que “O bullying representa um verdadeiro processo maléfico aos envolvidos, podendo, inclusive, ser fatal”.

Pode parecer exagero falar em fatalidade decorrente da vitimização causada pelo bullying no ambiente escolar, mas, basta voltar ao início deste trabalho, onde falamos sobre o que motivou a primeira pesquisa sistematizada e em larga escala acerca do bullying. Farrington (1993 apud RIGBY, 2003), confirmam essas preocupações afirmando que:

As evidências acumulam-se constantemente sobre as consequências negativas do envolvimento do aluno em problemas de intimidação / vítima. Com base em estudos longitudinais, concluiu-se que a exposição repetida à intimidação pode, e de fato costuma prejudicar a saúde e o bem-estar de estudantes vulneráveis (Egan & Perry 1998; Rigby 1999). Também é sabido que os autores de bullying não apenas tendem a experimentar depressão e se envolver em pensamentos suicidas, mas também, se não forem corrigidos na escola, têm maior probabilidade de agir violentamente como adultos em casa e no local de trabalho.

Segundo Gabriel Chalita (2008, p. 81) “O fenômeno bullying não escolhe classe social, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em grupos de crianças e de jovens, em escolas de países e culturas diferentes”.

Sendo assim, em toda e qualquer instituição, em qualquer meio social, está passível de ocorrer casos de bullying. No entanto, o que as difere nesse sentido, é a forma com que elas lidam com essa problemática, pois, a ausência de projetos de intervenção efetivos, acarretam prejuízos incalculáveis para todo o ambiente escolar e para aqueles que o frequentam. Em pesquisa realizada pela Plan International Brasil, ficou constatado que:

[...] quando não há intervenções e acompanhamentos sistemáticos, as consequências do bullying afetam a todos os envolvidos, podendo ser percebidas a curto e longo prazo, especialmente em vítimas que se retraem e silenciam. (PLAN BRASIL, 2019).

E isso, entra em concordância com as palavras do médico pediatra Aramis Lopes Neto, em que ele afirma: “A escola é de grande significância para as crianças e adolescentes, e os que não gostam dela têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios [...]” (LOPES NETO, 2005, p. 165) ou seja, causando interferência direta no processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Dentre as faces que o bullying pode adotar, existe a face do sofrimento, das consequências que essas atitudes causam, principalmente às vítimas: baixa estima, baixo rendimento escolar, fobia escolar, depressão, bulimia, anorexia, distorção da autoimagem. Além disso, Maldonado (2011) afirma ainda que “Quando esse estado se agrava, pode gerar estados depressivos que, em situações extremas de desespero e de desesperança, conduzem à tentativa de suicídio.”.

Todos desejamos que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver, ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais. Portanto, não se pode admitir que sofram violências que lhes tragam danos físicos e/ou psicológicos, que testemunhem tais fatos e se cale para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da omissão e tolerância dos adultos, adotem comportamentos agressivos. (LOPES NETO, 2005).

Pessoas que não têm o entendimento acerca do bullying, por vezes afirmam que “no meu tempo não tinha bullying”, de fato, os estudos acerca do bullying poderiam ser ainda sem tanta expressão, e as discussões ainda rasas, não presentes nas escolas, no entanto, o sofrimento decorrente das “brincadeiras” humilhantes e vexatórias, já estavam presentes no ambiente escolar, mas eram tratados como “coisa da idade”, brincadeira de criança e adolescente. Dan Olweus (1997, p. 496) afirma que:

Nas interações sociais cotidianas entre os colegas na escola, ocorre muita provocação de uma natureza lúdica e relativamente amigável, muitas vezes recorrente, mas que na maioria dos casos não são considerados bullying. **Por outro lado, quando a provocação repetida é de uma forma degradante e caráter ofensivo e, em particular, é continuado apesar de sinais claros de angústia ou oposição**, por parte da vítima, ela certamente se qualifica como bullying.

Corroborando com essa afirmativa, Silva (2015, p. 11), diz que “[...] brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem. Quando apenas alguns se divertem à custa de outros que sofrem, isso ganha uma outra conotação, bem diversa de um simples divertimento”, logo, temos um limite claro entre a brincadeira e a violência.

A realidade vem apresentando situações limites que resultam da não atenção aos casos de bullying e uma das consequências da vitimização é justamente o desejo de vingança que pode ser estimulado naquela que é vítima das agressões repetitivas. Existem assuntos que têm que ser abordados de forma aberta, mais ampla, que mostrem a verdadeira face do problema ao leitor, para que a partir daí se espere cada vez mais pessoas preocupadas com aquele determinado problema, caso contrário, continuará sendo apenas mais um problema que prejudica diversas pessoas, mas passam despercebidos, e permanecem silenciados como se não existissem. De tantos casos ocorridos no Brasil e no mundo, vamos utilizar apenas dois casos de ataques em escolas em que, outrora, o autor supostamente tenha sido alvo de bullying.

O que ficou conhecido como “Massacre de *Columbine*”, aconteceu no ano de 1999, os autores, foram dois alunos *seniores* da *Columbine High School*, nos EUA. Segundo o jornal local, noticia que “Dois estudantes [...] armados com armas e bombas, abriram fogo na terça-feira, na Columbine High School, matando 15 pessoas e ferindo outras 28, no pior tiroteio escolar da história dos Estados Unidos” (OBMASCİK, 1999).

Uma postagem publicada pelo jornal norte americano *The Washignton Post*, faz uma avaliação do modo de agir entre os alunos na referida escola, e mostra uma realidade de intimidação praticada pelos atletas da escola, afirma que:

Ficou claro nas primeiras horas após os tiroteios que a vingança contra os atletas era uma preocupação dos dois assassinos. Harris e Klebold começaram a atirar com as palavras "Todos os atletas se levantam". Eles

gritaram que "qualquer um com um chapéu branco ou uma camisa com um emblema esportivo nele está morto." (ADAMS; RUSSAKOF, 1999).

Acredita-se que um dos principais fatores que motivaram os dois a cometerem o ataque a escola foi justamente o bullying que sofriam na escola. Essa afirmativa foi confirmada pela investigação realizada pelo Serviço Secreto dos Estados Unidos, quando apresenta um relatório onde:

[...]examinou 37 incidentes envolvendo agressões fatais em escolas no mesmo país, entre 1974 e 2000, constatando que quase 3/4 dos assassinos tinham sido vítimas de bullying, em alguns casos bullying severo e persistente, com um histórico de se sentirem ameaçados e perseguidos. (ALBUQUERQUE; WILLIAMS; D’AFFONSECA, 2013, p. 93)

Outro episódio trágico, que tem o bullying como um dos fatores determinantes, foi o “Massacre em Realengo”, no dia 7 de abril de 2011, um ex aluno de 23 anos de idade, entrou na Escola Tasso da Silveira, localizada no Bairro de Realengo, município do Rio de Janeiro, portando dois revólveres e matou 12 alunos (entre 13 e 16 anos de idade) sendo 10 meninas e 2 meninos, e deixou mais 22 feridos (G1, 2011).

Durante as investigações, além de ligações de caráter religioso, há também uma forte ligação com o bullying sofrido pelo autor durante os anos que estudou na Escola Tassio da Silveira, como relatado por um ex-colega de Wellington à revista Veja:

[...] narrou ao jornal de que maneira os alunos provocavam o rapaz. Segundo ele, Wellington ganhou os apelidos de “*Sherman*”, em alusão ao personagem *nerd* do filme *American Pie*, e *suingue*, porque era manco de uma perna. “O Wellington era completamente maluco. Ele era muito calado, muito fechado. E a galera pegava muito no pé dele, mas não a ponto dele fazer o que fez”. (VEJA, 2011).

A partir da análise dos dois casos exemplificados, podemos perceber a presença significativa do bullying sofrido, e do desejo de vingança daqueles que um dia foram vítimas. Claro, não se pode também generalizar, afirmar que toda e qualquer criança ou adolescente que sofra bullying, um dia adotará tais atitudes, mas serve para alertar sobre até que ponto podem chegar as consequências a quem sofre com o bullying.

2.5 As pesquisas no Brasil

Nas últimas décadas as pesquisas acerca do bullying vêm crescendo, motivadas principalmente pela associação às tragédias ocorridas nas escolas em diversos países, além disso, buscando compreender e diagnosticar melhor esta problemática que ainda desperta dúvidas quanto a sua seriedade por parte das pessoas que ainda não conhecem a verdadeira face do bullying.

O Brasil, apesar de apresentar um atraso histórico no que diz respeito as pesquisas em torno do fenômeno bullying (GOMES; SANZOVO, 2013), hoje conta com pesquisadores de diversas áreas agindo em prol da redução da ocorrência de bullying nos ambientes escolares. A partir dos anos 2000, estudos acerca do assunto têm se intensificado, e marcado pelo caráter multifocal, não se restringindo apenas aos pesquisadores da área da educação, como, professores (as), pedagogos (as) e etc., mas se expandindo em outras áreas, como, da saúde (como psicólogos (as), psiquiatras, pediatrias e etc.), assistência social, e do âmbito jurídico (com advogados, promotores e etc.).

A Plan International, que é uma organização não-governamental de origem inglesa ativa desde 1937 e presente em 71 países, inclusive no Brasil, tal organização é sem fins lucrativos e sem vinculações políticas ou religiosas, é voltada para a defesa dos direitos da infância, realizou uma pesquisa em nível nacional, onde:

Com o objetivo de conhecer as situações de violência entre pares e de bullying em escolas brasileiras, a Plan Brasil realizou em 2009 a pesquisa “Bullying no Ambiente Escolar”, um levantamento de dados inédito que permitiu conhecer as situações de maus tratos nas relações entre estudantes dentro da escola, nas cinco regiões do País. (PLAN BRASIL, 2019).

A pesquisa envolvendo 5168 alunos, das cinco regiões do Brasil, apresentou resultados preocupantes, constatando que ao menos 70% dos alunos presenciaram uma ou mais vezes outros colegas sofrendo algum tipo de maltrato na escola. E ainda:

Os dados coletados revelam que 10% da amostra de alunos afirmam ter praticado bullying (maus tratos a colegas com frequência superior a três vezes no ano de 2009), porcentagem que converge com a incidência de vítimas desse fenômeno captada pela pesquisa. (PLAN BRASIL, 2019).

No Repositório da Universidade Federal do Pará (UFPA), é possível encontrar teses de doutorado, dissertação de mestrado e trabalhos de conclusão de curso, no

entanto, nenhum apresenta pesquisas realizadas em larga escala no estado, tendo ainda uma deficiência na diagnose deste problema em nosso estado. No entanto, ganham destaque duas pesquisas, ambas realizadas em 2012, pelo LASIG (Laboratório de Sistema de Informação e Georreferenciamento) e GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisas Estatísticas e Computacionais), vinculadas à Universidade Federal do Pará, a primeira em uma escola na cidade de Soure/PA, e a segunda em 05 escolas das cidades de Soure e Salvaterra, trazem dados importantes acerca da ocorrência do bullying na região do Marajó.

Em uma análise no relatório da pesquisa, informações importantes são apresentadas, como: 61,45% dos alunos afirmaram já terem se envolvido em algum caso de bullying; “A maior parte dos alunos envolvidos assumiu papel de vítima (43,96%) ou espectador (22,88%) [...]”; “A maior parte dos alunos envolvidos em atos de bullying [...] preferiu não contar a ninguém sobre o ato de bullying que esteve envolvido.”; “Dentre os alunos que sofreu consequência após o envolvimento em atos de bullying, a maior parte apresentou tristeza (31,19%), seguido de estresse (16,51%) e baixa autoestima/depressão (13,85%).”; (UFPA, 2013), os dados obtidos, mostram claramente que o bullying está presente em nossa região, bastando que sejam feitas pesquisas específicas para diagnosticar essa problemática.

Em pesquisas realizadas na ferramenta de pesquisas *Google*, utilizando os termos “bullying, marajó”, além das duas pesquisas citadas acima, é possível encontrar apenas uma publicação relacionada a esse assunto nesta região e trata-se de uma programação que é parte de um projeto de conscientização contra o bullying na escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Faustino Legarda, localizada no município de Afuá-Marajó-Pará, a professora responsável comenta que:

O bullying é um problema crônico nas nossas escolas. Não surgiu ontem e nem será eliminado amanhã. Acreditamos no poder do diálogo e juntos sonhamos que esse projeto venha minimizar seus efeitos dentro do ambiente escolar. Para isso, precisamos do apoio das famílias para que juntos possamos realizar sonhos. (PROJETO..., 2019).

No município de Melgaço, *locus* principal deste trabalho, ainda não há projetos e ações voltadas a diagnose, tampouco a prevenção e combate ao bullying no ambiente escolar. A violência entre os alunos é percebida por meio dos comentários recorrentes na cidade o que despertou o interesse em realizar uma pesquisa voltada a diagnosticar este problema na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr.

3 A CONSTRUÇÃO CONCEITUAL E TEÓRICA SOBRE O BULLYING

Para a construção deste trabalho relacionado ao bullying, foi primeiramente necessário buscar referências acerca da criança, para somente depois entrar no assunto do bullying entre crianças no ambiente escolar. Para compreender melhor a criança e como ela se estabelece quanto cidadã de direitos na sociedade, foi necessário fazer um trajeto histórico até os dias atuais, para isso, recorreu-se à obra “História Social da Criança e da Família”, de Philippe Ariès (1981), nesta, o autor discorre sobre o surgimento do reconhecimento da criança quanto pessoa com necessidades e peculiaridades diferentes dos adultos, mas antes, mostra como essa criança, nos séculos anteriores, era vista socialmente, basicamente como objetos pessoais descartáveis para os adultos, sem importância (ARIÈS, 1981).

Para retratar a criança em âmbito nacional, foi também feito um trajeto histórico a partir da obra “A Arte de Governar Crianças”, de Irene Rizinni e Francisco Pilotti (2011), onde retratam a forma com que a criança era tratada desde o período colonial no Brasil, e como os diferentes regimes de governos somente passavam “de um lado para outro”, a responsabilidade sobre os cuidados para com as crianças, foram criados vários mecanismos, instituições, mas sempre com o mesmo caráter repressivo, ao menos para com as crianças de classes pobres e desvalidas, tendo a sociedade civil cada vez mais se mobilizado em busca da garantia dos direitos da criança e do adolescente no Brasil, é que em 1990, é criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (RIZINNI; PILOTTI, 2011).

No que diz respeito ao bullying propriamente dito, este trabalho tem base teórica pautada nos estudos de Olweus (1997), o pioneiro na pesquisa sistemática acerca do bullying; Koo (2007), pesquisador que em um de seus artigos buscou traçar uma linha do tempo das atitudes semelhantes ao que hoje são caracterizadas como bullying; Rigby (2019), outro estudioso em âmbito internacional acerca do bullying.

Além de se basear em autores internacionalmente reconhecidos, procurou-se também buscar as referências nacionais sobre assunto, como, Lopes Neto (2005), médico pediatra que muito publicou acerca da construção de um ambiente escolar saudável para as crianças e livre do bullying; Silva (2015), médica psiquiatra, que com sua obra “Bullying: mentes perigosas na escola” traz uma abordagem a partir de suas experiências em consultas com crianças vítimas de bullying na escola; Ana Tereza Maldonado (2011) formada em psicologia, publicou um livro abordando como a prática

do bullying pode ser prejudicial aos envolvidos e propõe formas de combate e prevenção; a Dra. Cleo Fante (2005), é Pedagoga, doutora em Educação, pesquisadora de renome nacional e internacional no tema bullying e cyberbullying, uma das pioneiras nas pesquisas relacionadas ao bullying no Brasil; Deborah Cristina Antunes (2010), já traz em sua obra uma abordagem mais relacionada as razões instrumentais do bullying; ainda, tem-se que considerar a ampla participação de autores e pesquisadores do âmbito jurídico, dentre estes, destaca-se o Dr. Luiz Flávio Gomes e Natália Sanzovo, dois juristas que publicaram o livro “Bullying e Prevenção da Violência nas Escolas: quebrando mitos, construindo verdades” (2013) e Alexandre Saldanha, que parte de uma visão quanto a responsabilidade civil dos estabelecimentos de ensino sobre as ocorrências do bullying no ambiente escolar.

O fato do bullying ter entrado em evidência somente a partir da década de 70, e ganhado destaque nas décadas seguintes (80 e 90), não quer dizer que sua ocorrência já não era presente nos ambientes escolares antes disso. Várias são as formas de mostrar como características relacionadas ao bullying já eram representadas desde muito tempo. É possível perceber atitudes que apresentam características do bullying em jornais, obras literárias, livros antigos sobre história social e etc. (OLWEUS, 1997; KOO, 2007; RIGBY, 2019).

[...] de acordo com as descrições em documentos antigos do século XVIII ao início do século XX, o bullying era geralmente descrito como assédio físico que geralmente relacionada a uma morte, isolamento forte, ou extorsão em escolares. (KOO, 2007).

Este é um trecho de artigo publicado pelo professor da Universidade Woosuk, Coreia, Hyojin Koo, onde ela busca traçar uma linha histórica acerca do bullying. Não obstante, atualmente ainda há quem considera que o bullying, de fato, não passa de brincadeiras ou ocorrências normais para faixa etárias escolares. Ainda, como afirmam Gomes e Sanzovo “O que é certo, no entanto, é que apenas nas últimas décadas tal prática passou a ser estudada sistematicamente. “[...] Sendo assim, o bullying não é fenômeno novo. Seu estudo científico, sim” (GOMES; SANZOVO, 2013, p. 42).

A primeira definição de bullying, da forma que estudado e discutido na atualidade, foi dada pelo Dr. Dan Olweus, o pesquisador e professor de psicologia da Universidade de Bergen, Noruega, caracteriza o bullying por três critérios básicos: comportamento agressivo; realizado repetidamente e ao longo do tempo, e em uma

desigualdade de poder; “Pode-se acrescentar que o comportamento de bullying geralmente ocorre sem provocação aparente” (OLWEUS, 1997). Soma-se ainda a essa definição, a questão da opressão presente nos casos de bullying, o criminologista David Farrington, define o bullying como opressão repetida de uma pessoa mais poderosa sobre uma menos poderosa, deixando a vítima em uma posição difícil de suportar, além da injustiça presente nesses casos, onde a vítima se quer, tem chances de se defender (FARRINGTON, 1993, apud RIGBY, 2019).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, em âmbito nacional, se considera que o “[...] bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais estudante contra outros (s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.” (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2005). Como visto, a definição dada pelos precursores do assunto no Brasil, se assemelha com a dada por Dan Olweus, pioneiro nos estudos sistemáticos acerca do bullying em âmbito internacional.

3.1 Construção teórica em âmbito nacional: o bullying quanto fenômeno multifocal

Essa visão multifocal com que se estuda o bullying é uma realidade mundial, e este trabalho busca, além de outras coisas, mostrar uma visão ampla das consequências negativas que o bullying pode trazer não somente para os envolvidos diretamente, mas também para o ambiente escolar e todos aqueles que usufruem desse ambiente no Brasil. Por isso, é importante que sejam utilizados autores nacionais, que fazem parte da realidade brasileira e que tiveram seus estudos e pesquisas realizados no Brasil, mensurando de forma mais adequada as consequências do bullying em âmbito nacional.

Conceitualmente, a definição de bullying já tem um consenso aceito mundialmente, mas, um dos principais fatores que fez os estudos acerca do bullying tomarem as proporções que têm hoje e, também despertar a atenção das várias áreas de estudos e pesquisas – principalmente áreas da educação, saúde física e mental, e do direito – foi justamente as consequências que sofrem os alunos expostos

constantemente às situações envolvendo o bullying na escola. Os autores e pesquisadores de cada área de estudo vêm apresentando seus pontos de vista e como o bullying pode acarretar várias consequências negativas.

Do campo da psiquiatria, a Dr.^a Ana Beatriz Barbosa Silva, autora do *best-seller* “Mentes Perigosas”, também traz uma obra voltada para o bullying na escola, “Bullying: mentes perigosas na escola”, traz um ponto de vista clínico deste fenômeno, principalmente no que diz respeito à vitimização, chama atenção em sua dedicatória a frase “Dedico este livro a todos que são ou foram vítimas de bullying, e também àqueles que não resistiram e ficaram no meio do caminho. A todos vocês, o meu mais profundo respeito, com a certeza de que não estão sozinhos nessa luta.” (SILVA, 2015) ou seja, expõe a *última ratio* das consequências psicológicas que o bullying pode causar às vítimas, que é o suicídio. A autora ainda sustenta a necessidade de que o assunto seja cada vez mais levado a sério, a fim de contribuir para a construção de um ambiente escolar de convivência mais saudável entre os alunos (SILVA, 2015). Um dos pioneiros no estudo da questão, Dr. Aramis Lopes Neto, médico pediatra, muito contribuiu para a formação de profissionais e para a redução do comportamento agressivo entre estudantes no Brasil. Dizia: “Todas as crianças e adolescentes têm direito a escolas onde existam alegria, amizade, solidariedade e respeito às características individuais de cada um” (ALBUQUERQUE, 2014). Traz também considerações importantes acerca da vitimização dos alunos e as consequências para o ambiente escolar e, conseqüentemente, o rendimento escolar dos alunos envolvidos em casos de bullying. Lopes Neto desenvolveu importantes pesquisas por meio da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), e alerta que o bullying “Trata-se de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais” (LOPES NETO, 2005, p. 165), ou seja, ainda tratado como brincadeira ou atitudes normais daquela fase da criança e do adolescente.

Ainda, a Dr. Maria Tereza Maldonado, psicóloga, também vem conduzindo estudos e publicando sobre o assunto, chama atenção para as várias “faces” que o bullying pode adotar, dentre estas, existe a face do sofrimento, as consequências que essas atitudes causam, principalmente às vítimas: baixa estima, baixo rendimento escolar, fobia escolar, depressão, bulimia, anorexia, distorção da autoimagem. Além disso, Maldonado (2011) afirma ainda que “Quando esse estado se agrava, pode

gerar estados depressivos que, em situações extremas de desespero e de desesperança, conduzem à tentativa de suicídio”. A autora chama atenção, principalmente para a falta de estratégias efetivas para o combate e prevenção ao bullying nas escolas e afirma que “Os olhos fechados são poderosos para negar evidências e impedir que as providências necessárias sejam tomadas” (MALDONADO, 2011, p. 57). Logo, se o bullying continuar sendo negligenciado no ambiente escolar, as suas consequências aos envolvidos continuarão presentes sem que ninguém intervenha.

Uma das principais obras usadas neste trabalho, é o livro “Bullying e Prevenção da Violência nas Escolas: quebrando mitos, construindo verdades”, escrito por Luiz Flávio Gomes, doutor em Direito Penal, e Natália Sanzovo, pós graduada em Ciências Penais. Os autores enfatizam, entre outros assuntos relacionados ao bullying, o fato de que “[...] fundamentais são os estudos e as políticas de prevenção que esta espécie de violência exige”, acrescentam ainda “[...]. É inconcebível que, atualmente, diretores, coordenadores, professores, pedagogos e os próprios pais [...] não saibam tudo (ou o suficiente) sobre este fenômeno tão pesquisado atualmente” (GOMES; SANZOVO, 2013, p. 18). Os autores ressaltam ainda a possível ineficiência de incluir o bullying no Código Penal Brasileiro, uma vez que todas as atitudes já são previstas no Código Penal Brasileiro (furto, roubo, lesão corporal, injúria racial, calúnia, difamação e etc.) e, que valer-se do sistema penal para tratar os casos de bullying, deverá ser a *última ratio*, somente em casos extremos, do contrário, é dever dos profissionais da instituição desenvolverem mecanismos e formas de lidar e solucionar os casos internamente, através do diálogo.

Outro jurista que é um dos maiores autores acerca do bullying no Brasil, é o Dr. Alexandre Saldanha, Advogado Especialista em Bullying e Mobbing, Escritor, Cientista, Palestrante, Ativista Social, Membro fundador da Liga antibullying (SALDANHA, 2011), Saldanha enfatiza a questão da responsabilidade civil das instituições (públicas e particulares), afirma que “Como o bullying acontece dentro das dependências do estabelecimento de ensino no período de estadia dos educandos vê-se a figura da responsabilidade das escolas pelos danos causados pelos seus alunos entre eles ou a terceiros [...]” (SALDANHA, 2013, p. 67).

A Prof.^a Dr.^a Cleo Fante, é Pedagoga, doutora em Educação, pesquisadora de renome nacional e internacional no tema bullying e cyberbullying. Autora do programa antibullying “Educar para a Paz”. Escritora com publicações no Brasil e

Colômbia (PALESTRANTE...), apesar de não ter sido a primeira a realizar pesquisas sobre o assunto, foi a que inicialmente alçou maior escala e impacto, no período de 2000 a 2002, Fante realizou uma pesquisa que contou com a participação de 1.500 alunos do ensino fundamental e médio no estado de São Paulo (FANTE, 2005).

Em todas as obras consultadas para a construção deste trabalho, vários pontos em comum podem ser percebidos, e entre eles estão a necessidade de que cada vez mais sejam estimuladas pesquisas e estudos acerca da incidência do bullying nas escolas e a necessidade constante de projetos e ações de combate e prevenção ao bullying nas escolas, também, a preocupação com a saúde física e mental das crianças que estão expostas às situações envolvendo bullying na escola, considerando que isto pode vir a causar comprometimentos no rendimento escolar dos mesmos.

4 A PESQUISA NA EMEF JOSÉ M^a RODRIGUES VIEGAS JR. E OS RESULTADOS OBTIDOS

A Escola Municipal de Ensino Fundamental José Maria Rodrigues Viegas Jr., conhecida popularmente por “Juninho”, *lócus* da presente pesquisa, está localizada no município de Melgaço-PA, situada À Rua Wilson Ribeiro, nº 141, Bairro do Tucumã. A instituição possui um total de 21 salas de aula e atende a demanda de alunos do 2º ao 9º ano do Ensino Fundamental, e conta também com a oferta de turmas de Educação de Jovens e Adultos 3ª e 4ª etapa. No ano de 2018, segundo o Projeto Político Pedagógico da escola, teve um total de 1.230 alunos matriculados e contava com 42 professores (MELGAÇO, 2019a).

No decorrer do ano de 2018, vários relatos de violência entre alunos foram compartilhados em redes sociais e recebidos – via *Whatsapp* –, bem como, situação presenciada na Delegacia de Polícia do município, onde foram apresentados pelo Conselho Tutelar, duas crianças, alunos da EMEF José M^a R. Viegas Jr., relatando que os dois haviam brigado na escola, além disso, em sondagem preliminar acerca do problema na escola, foi enviado um ofício ao Conselho Tutelar de Melgaço, solicitando informações acerca de casos de violência envolvendo alunos das escolas do município de Melgaço, ao qual, foi dada a seguinte resposta:

Este Conselho Tutelar no decorrer de suas funções recebeu apenas 10 denúncias de violências entre alunos. Essas todas, foram recebidas da única

escola José Maria Rodrigues Viegas Junior. Em razão da gravidade das denúncias este conselho orientou a direção da escola à encaminhar diretamente a delegacia se houvesse necessidade o responsável da delegacia chamaria o Conselho Tutelar. (MELGAÇO, 2019b).

Tais informações começaram a provocar certa preocupação em relação a constante onda de violência entre os próprios alunos dentro e fora da escola. No entanto, não pode se prender somente aos comentários que rodeiam na cidade, mas sim, buscar diagnosticar, comprovar ou refutar tais murmúrios.

Diante desta problemática, foi elaborado um projeto de pesquisa pelo discente da Universidade Federal do Pará, do curso de pedagogia, Yan Luis Lima de Souza, o qual foi orientado pela Profa. Ma. Gicele Brito Ferreira, onde o título da pesquisa foi “A Ocorrência do Fenômeno Bullying Entre Alunos do 7º Ano na EMEF José Mª Rodrigues Viegas Junior”. Um dos objetivos principais da pesquisa era levantar informações acerca da incidência e formas de violências praticadas entre alunos na escola e, a partir das informações obtidas, verificar se há ou não, a presença de casos de bullying na instituição.

4.1 Características gerais da pesquisa

Como afirmam Prodanov e Freitas (2013, p. 43) “A pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, [...]. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico.”, só é possível afirmar de forma incisiva que determinado problema está presente (ou ocorre) em determinado ambiente, se for comprovado cientificamente. Por isso, a pesquisa é de suma importância para poder tecer afirmações acerca da violência na escola supracitada.

A pesquisa realizada na EMEF José Mª Rodrigues Viegas Junior, teve característica de levantamento (*survey*) que, como afirma Gil (2018, p. 55) “As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.”. Sendo assim, foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados: com os alunos foi a entrevista semiestruturada e direta, com o corpo docente e técnico administrativo, foi o questionário com perguntas abertas.

A pesquisa teve uma abordagem primeiramente qualitativa, que se preocupa com as questões sociais, não quantificando, mas inicialmente qualificando de acordo

com particularidades de cada informação (MINAYO, 2001), no entanto, posteriormente, as informações devem ser também quantificadas, para melhor apresentação de resultados estatísticos. E teve fins descritivos que, segundo a definição de Prodanov e Freitas (2013, p. 52) “[...] observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos.”, no caso da presente pesquisa, buscou-se levantar informações sobre a incidência, as características e formas de casos de violência e bullying entre alunos, bem como, conhecimento do corpo docente e administrativo acerca dos casos de violências entre os alunos na instituição.

Á *priori* antes da realização da pesquisa, foram traçadas hipóteses levando em consideração a pesquisa internacional realizada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que a partir dos resultados obtidos, concluem que o bullying não é um fenômeno inerente a um ou outro país isolado, é um fenômeno mundial e, não é exclusivo de determinada classe social, ele (o fenômeno) ocorre tanto em escolas pública quantos em particulares (OECD, 2009 apud GOMES; SANZOVO, 2013, p. 119), ou seja, a EMEF José M^a Rodrigues Viegas Junior, hipoteticamente falando, não seria exceção.

A pesquisa previa inicialmente uma amostra com a participação de 35 alunos, no entanto, a turma do 7^o ano, turno tarde, que foi selecionada de forma aleatória e levando em consideração que, Gomes e Sanzovo (2013, p. 69) no Brasil, o fenômeno ocorre com maior frequência ente os alunos das quintas às oitavas series – atualmente 6^o ao 9^o ano – do ensino fundamental, na faixa etária de 11 a 15 anos., estava com apenas 19 alunos matriculados, destes, participaram 17, apenas dois alunos se recusaram a participar, não dando explicações do motivo. Apesar disso, o resultado da pesquisa não foi comprometido, podendo assim contemplar os objetivos específicos propostos pela pesquisa, culminando no objetivo geral.

As entrevistas individuais com alunos começaram no dia 1^o de abril, e estenderam-se até o dia 12 do mesmo mês. Como dito antes, a entrevista era na forma semiestruturada, ou seja, seguindo um roteiro pré-estabelecido contendo cinco blocos distintos que abarcavam identificação ou diagnostico inicial do entrevistado, perguntas sobre possivelmente ter sido alvo de algum tipo de violência, sobre ter presenciado, sobre ter praticado e o último bloco com considerações extras e algo mais que o entrevistado quisesse adicionar. Essa forma de entrevista deu

possibilidade de uma conversa mais aberta entre o entrevistador e o entrevistado, dando oportunidade de perguntar questões que não estavam no roteiro.

No caso do corpo docente e técnico administrativo, os questionários foram entregues conforme a disponibilidade dos mesmos, e puderam ser devolvidos assim que estivessem sido preenchidos, não pressionando os professores e administrativos com essa tarefa. O questionário foi entregue para 04 docentes (02 do sexo masculino e 02 do sexo feminino), 01 coordenadora pedagógica, 01 auxiliar administrativo, 01 diretor e 01 vice diretor, totalizando 08 participantes, no entanto, somente 04 questionários foram devolvidos devidamente preenchidos.

4.2 A análise dos questionários

O questionário (Apêndice A), que foi o instrumento de coleta de dados utilizado com o corpo docente e técnico administrativo da instituição, ele estava estruturado em 02 blocos de perguntas abertas, sendo que: no Bloco 1, continha 05 perguntas relacionadas a identificação e diagnóstico inicial e, no Bloco 2, continha 09 perguntas relacionadas aos casos de violências ocorridos na escola e as formas adotadas pela escola para o combate dos casos ocorridos e a prevenção de novos casos.

A participação do corpo docente e técnico administrativo na pesquisa é de suma importância, na medida que, a partir de seus relatos, poderemos ter um melhor panorama de como a escola vem tratando o problema violência entre alunos, formas que estão sendo adotadas para a prevenção e combate, parcerias que estão buscando para auxiliar a escola nessa questão e, de que forma, melhor podemos ajudar a escola no enfrentamento da violência entre os alunos, e conseqüentemente, o bullying escolar.

O projeto inicial da pesquisa previa a apresentação da pesquisa tanto para os alunos, quanto para os membros do corpo docente e técnico administrativo, no entanto, no dia marcado pela direção da escola para a apresentação, não foi possível a participação desse segundo segmento da instituição (docentes e técnicos administrativos), pois, estavam em reunião com o diretor da escola. Dessa forma, o próprio pesquisador precisou ir apresentando de forma genérica a cada professor e demais profissionais, buscando atingir o número de participantes necessários que o projeto de pesquisa previa.

O questionário foi entregue para 08 profissionais da escola, sendo: 04 professores (as); 01 Coordenadora Pedagógica; 01 Auxiliar Administrativo; 01 Diretor e, 01 Vice Diretor; totalizando 08 participantes na pesquisa, 02 a mais do que estava previsto. Como foi explicado para os participantes, eles poderiam devolver o questionário no momento em que terminassem de preenche-lo, visto que, o pesquisador estaria fazendo visitas constantes na escola para o andamento das entrevistas com os alunos, assim, os participantes poderiam preencher o questionário em momento oportuno e que não iria atrapalhar no desempenho de suas funções na escola.

No entanto, dos 08 questionários entregues, somente 04 (50%) foram devolvidos devidamente preenchidos, no mais:

- Dos 04 (50%) dos questionários que foram devolvidos devidamente preenchidos, 03 eram de docentes e, 01 da coordenadora pedagógica;
- 01 questionário, que foi entregue ao auxiliar administrativo, foi devolvido em branco, ou seja, sem ser preenchido. O participante não deu qualquer explicação ou justificativa do motivo determinante de devolver o mesmo em branco;
- Dos 03 outros questionários, 01 foi entregue a docente, 01 ao diretor e 01 ao vice-diretor. Apesar das várias visitas, contatos via *Whatsapp* e insistência por parte do pesquisador, afim de garantir os objetivos da pesquisa, não foi possível o preenchimento e devolução dos mesmos, por motivos não determinados pelos participantes.

Apesar de não atingir o número de participantes proposto pelo projeto de pesquisa, que era de 06 participantes, o relatório final da pesquisa foi feito levando em consideração a opinião exposta pelos 04 participantes que entregaram seus questionários devidamente preenchidos. Vale ressaltar, que todos os nomes utilizados para representar as falas dos participantes, são fictícios.

No bloco 2, o questionário contava com perguntas sobre a violência na escola, as providencias adotadas, e demais informações. Dos 04 participantes, 03 afirmam já terem presenciado situações de violência entre os alunos na escola, sendo que, a violência verbal é a mais citada entre as afirmações. Frente a essas situações, os profissionais seguem sempre uma mesma forma de tomar providencias, que é, inicialmente dialogando com os envolvidos e, havendo a reincidência, encaminhando à coordenação pedagógica e à gestão escolar.

Sobre a frequência com que ocorre os casos de violência entre os alunos na escola, os participantes voltam a afirmar que ocorrem com certa frequência, mas na forma verbal, xingamentos, apelidos, e etc.

A escola ainda adota o sistema de punição por meio da suspensão àqueles que praticam atos de violência na escola, todos os 04 participantes afirmaram que os alunos que são autores nos casos de violência, são encaminhados à gestão e, dependendo da gravidade de seus atos, podem levar a suspensão.

A instituição ainda não desenvolveu nenhum projeto de combate e prevenção à violência e, nem ao bullying. No entanto, na afirmação dos participantes, apesar disso, buscam sempre socializar suas experiências nas reuniões pedagógicas, todos buscando formas e metodologias que visem minimizar essa problemática na escola, conforme o recorte a seguir:

Capacitação não tivemos, mas em nossas reuniões sempre buscamos conversar, trocar experiências entre os professores da escola mesmo, sempre tentando achar soluções que visem acabar ou minimizar essa problemática que já foi bem maior em anos anteriores. (JOANA¹, 2019)

Apesar disso, tendo por base a seguinte afirmação: “Nós temos um projeto que busca trabalhar os valores dentro das turmas; é interdisciplinar e está em nosso PPP” (JOANA, 2019); foi constatado que, de fato, a questão do fortalecimento dos valores dentro da escola, é bastante presente no Projeto Político Pedagógico da instituição, onde a:

[...] responsabilidade dos profissionais envolvidos, num compromisso de fazer-se contribuinte do processo ensino aprendizagem, para que a escola possa caminhar permanecendo atenta a uma educação capaz de ser transformadora e trabalhar sujeitos para o “mundo social”, percebendo-a como um espaço do diálogo, do conflito, da heterogeneidade, da cultura, de valores sociais e econômicos diferenciados. Entretanto, aprender a lidar e a respeitar essas diversidades que acompanha o nosso educando que seja eficaz, pois esse novo olhar é fundamental para uma educação transformadora que tanto se almeja nessa comunidade escolar. (MELGAÇO, 2019b).

No entanto, importa ressaltar ainda que, essa não é uma problemática somente da EMEF José M^a Rodrigues Viegas Junior, se trata de um problema a nível nacional. Maldonado (2011, p. 44) a partir da análise dos resultados das pesquisas realizadas pela organização Plan Brasil, afirma que:

[...]a maioria das escolas ainda não desenvolveu estratégias eficientes para reduzir a incidência do bullying ou prevenir sua ocorrência. Quase todas se limitam a punir o aluno agressor e a conversar com seus pais [...]. (MALDONADO, 2011, p. 44).

Dessa forma, a responsabilidade do enfrentamento ao bullying acaba sendo “jogado” de um lado para outro, a escola culpa a família, e esta, por sua vez, culpa a escola, onde na verdade deveria haver uma cooperação, união entre esses pilares, no enfrentamento deste fenômeno.

Falando ainda da responsabilidade pelo combate e prevenção desta problemática, os participantes da pesquisa, levantam ainda a questão da falta de apoio e investimentos, o que é citado da seguinte forma:

A instituição precisa de apoio do poder executivo, ‘pra’ trazer projetos consistentes pra escola. Eu penso que professores e gestão fazem o que está ao seu alcance, mas investimentos sempre é bom. (JOANA, 2019).

De fato, se faz necessária também que a iniciativa do poder público municipal, esteja presente na escola, em forma de fomentação de pesquisas e projeto para a escola, visando sempre uma melhor qualidade do ambiente escolar.

¹ Nome fictício para preservar a identidade do participante conforme estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4.3 As entrevistas com os alunos

A entrevista semiestruturada, contava com um roteiro pré-estabelecido (APÊNDICE B), e estava dividida em 05 blocos, sendo: 01 – Identificação e diagnóstico Inicial; 02 – Sobre Possivelmente ter sido alvo de algum tipo de violência; 03 – Sobre Possivelmente ter presenciado situações de violência; 04 – Sobre Possivelmente ter praticado algum tipo de violência e 05 – Considerações Extras. Dessa forma, os resultados das entrevistas serão apresentados em 04 partes: a primeira parte será a identificação e diagnóstico inicial; a segunda parte será sobre o envolvimento dos (as) entrevistados (as) em situações de violência; a terceira será relacionada à participação dos entrevistados em casos de bullying; a quarta parte será sobre as considerações dos (as) entrevistados (as) acerca da necessidade ou não de projeto antibullying na escola. Informamos que para proteção dos entrevistados todos os nomes utilizados são fictícios.

Dos 17 participantes, 08 são do sexo masculino e 09 do sexo feminino. A média de idade entre eles (as) é de 13 anos da idade. Auto declaradamente, 12 consideram-se pardos (as), 04 consideram-se morenos (as) e 01 considera-se amarelo.

Todos os entrevistados afirmam ter amigos na escola, no entanto, um dado que chama atenção, é o fato de **11 afirmarem que possuem algum inimigo no ambiente escolar**, conotando assim, um espaço já propício para a ocorrência de situações de violências entre eles.

Dos entrevistados, 13 afirmam nunca terem visto e/ou participado de nenhum projeto, palestra e/ou ação relacionado ao bullying na escola, esse dado ratifica com o que diz Maldonado (2011, p. 44) que a partir da análise dos resultados das pesquisas realizadas pela Plan Brasil, afirma que “[...] a maioria das escolas ainda não desenvolveu estratégias eficientes para reduzir a incidência do bullying ou prevenir sua ocorrência. Quase todas se limitam a punir o aluno agressor e a conversar com seus pais [...]”, logo, não se trata de um problema local, mas sim a nível nacional.

Ressalta-se que 04 entrevistados afirmaram que SIM, já viram algo relacionado ao tema, conforme as duas afirmações recortadas das entrevistas com os alunos “Uma vez na aula de português a professora passou um vídeo sobre isso” (TIAGO, 14 anos, 2019), “No dia que teve o contra as drogas, tinha um papel lá escrito” (ANTÔNIO, 14 anos, 2019), estas, contrastam com a proposta existente no Projeto

Político Pedagógico (PPP) da instituição, onde diz que:

[...] o Projeto Político Pedagógico abre leques para a participação dos sujeitos da comunidade escolar como um todo havendo discussão/reflexão nas tomadas de decisões, além de enriquecer, **abrirá meios para diminuir problemas (violência)** que nela está adentrando [...] (MELGAÇO, 2019b, grifo nosso).

Dessa forma, podemos observar que a instituição tem sim a preocupação com o problema da violência adentrando a escola, no entanto, como foi exposto, os esforços precisam ainda partir da iniciativa de mais profissionais que compõem o ambiente escolar em questão, ainda são restritos a determinados, e raros momentos.

A última pergunta desse bloco, questionava os entrevistados sobre, a partir do entendimento prévio que eles têm sobre o bullying, se esse fenômeno acontecia na escola, onde 15, dos 17 alunos participantes da pesquisa, acham que ocorrem casos de bullying na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr. Destaca-se os seguintes trechos:

- Hum, onde mais tem bullying é na escola. Eu acho não, acontece! (EMILY, 12 anos, 2019);
- Ocorre sim, principalmente com esses morenos assim, eles têm esse mal de chamar de “pretinho do gapó” e essas coisas aí. (ALEX, 14 anos, 2019).

A partir dos recortes apresentados, podemos elucidar como essa problemática faz parte do cotidiano dos alunos que participaram da pesquisa. Vale salientar ainda, que até o momento das entrevistas, não foi feita nenhuma palestra relacionada ao bullying, ou seja, nessa pergunta, o entrevistador pedia que eles se baseassem no seu conhecimento adquirido de formas diversas (internet, escola, tv e etc).

4.3.1 O envolvimento dos alunos em situações de violências

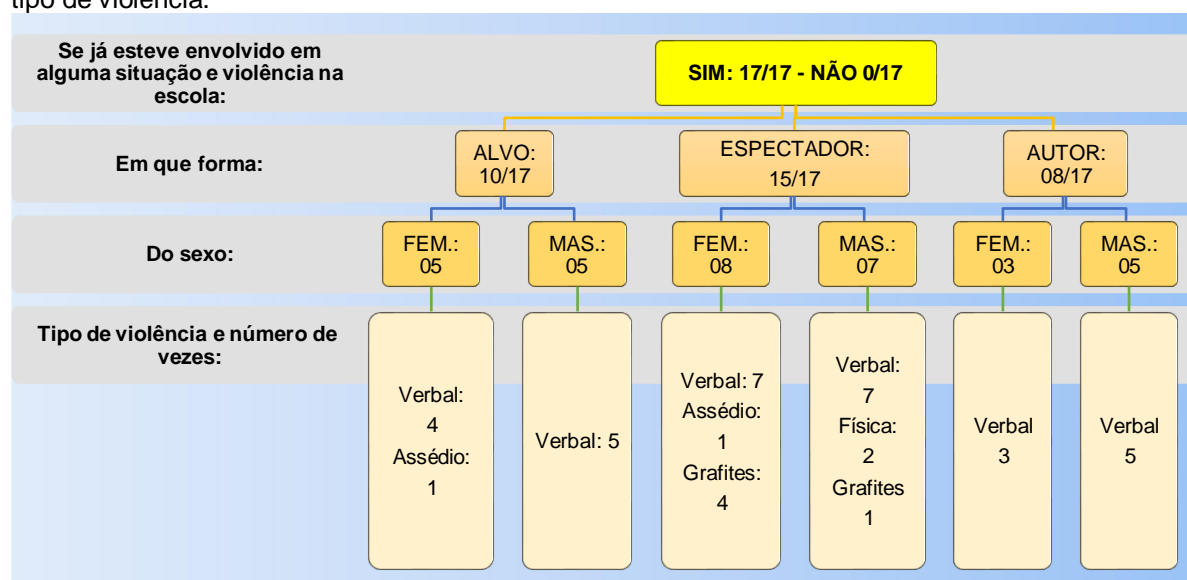
Toda pesquisa que vise compreender situações de bullying entre alunos, precisa tomar para análise a violência como um todo, estando presente ou não o bullying (GOMES; SANZOVO, 2013). Logo, é necessário que possamos dar atenção também aos casos isolados, que não possuem os requisitos suficientes para serem considerados bullying, que na definição de Cleo Fante, bullying é “[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas [...], adotado por um ou mais alunos

contra outro (s), causando dor, angustia e sofrimento” (FANTE, 2005, p. 28), no entanto, os casos de violências relatados não podem passar despercebidos, precisam também serem trabalhados e analisados.

Visando facilitar os relatos dos alunos, foi pedido para que eles levassem em consideração o ano de 2018 até o momento da entrevista – em 2019 – facilitando para o aluno ter lembranças de determinadas situações as quais foram perguntados.

A seguir está um gráfico com os dados sobre o envolvimento em casos de violência relatados pelos participantes das entrevistas:

Gráfico 2 – Quantitativo de alunos envolvidos e algum tipo de violência na escola, forma, sexo e tipo de violência.



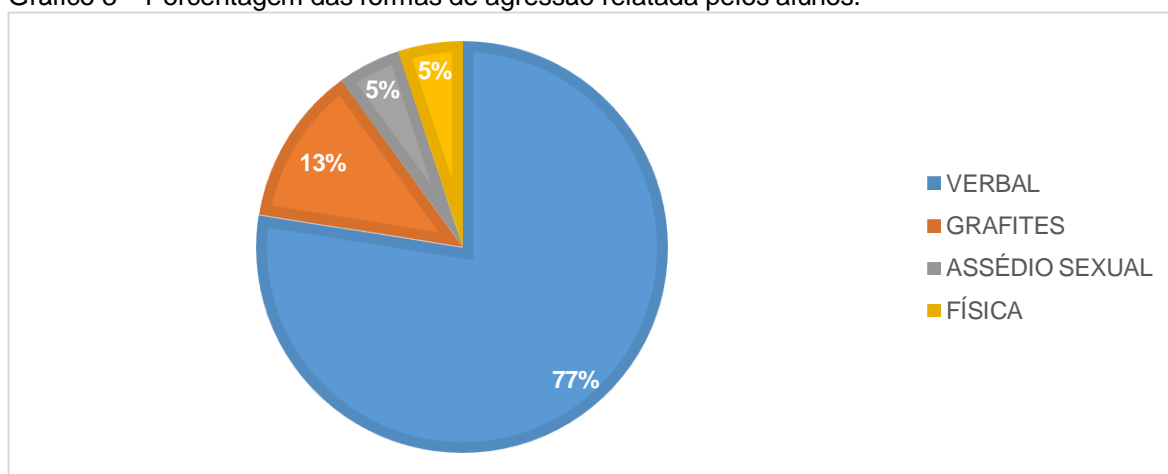
Fonte: Pesquisa realizada na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr.

Fazendo uma breve análise do gráfico acima, é possível destacar alguns dados importantes, como:

- No total, foram 40 casos relatados pelos entrevistados (as). O motivo do número de casos ser maior que o número de entrevistados, é justamente o fato de que um mesmo entrevistado pode ter presenciado, sofrido ou praticado mais de um ato de violência na escola;
- 100% dos entrevistados já estiverem expostos a alguma situação de violência e/ou constrangimento dentro da escola, o que muda é a forma de envolvimento (vítima, espectador ou autor). Vale ressaltar que podem ocupar ou transitar entre essas formas, ou seja, ora pode ser alvo, ora pode ser autor e/ou espectador;

- 89%, ou seja, 15 dos 17 entrevistados já presenciaram uma ou mais situações de violência na escola, logo, estando na posição de ESPECTADOR;
- O envolvimento de ambos os sexos em situações de violência é quase que igualado em todos as formas, sofrendo disparidade somente quando se é AUTOR;
- A principal forma de violência relatada pelos alunos entrevistados é a verbal (31), seguida por grafites depreciativos (5), assédio sexual (2) e física (2), conforme o gráfico a seguir:

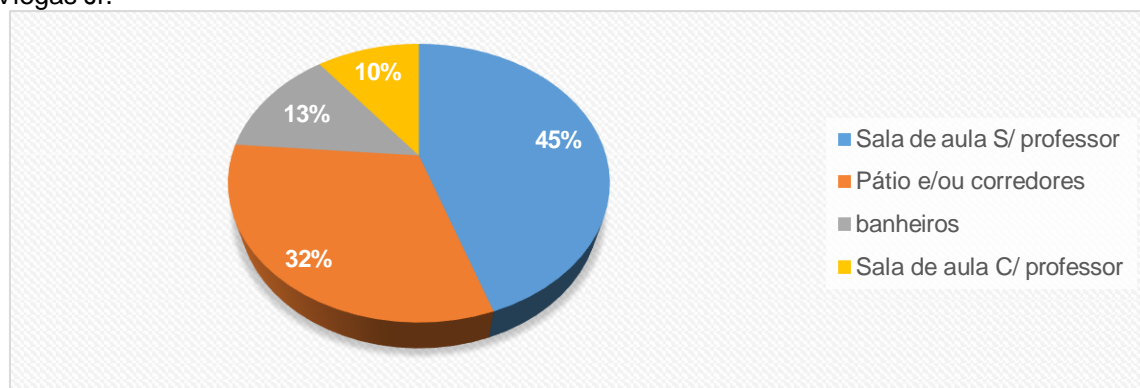
Gráfico 3 – Porcentagem das formas de agressão relatada pelos alunos.



Fonte: Pesquisa realizada na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr.

A partir dos relatos dos entrevistados, foi possível ainda fazer um levantamento dos locais com maior ocorrência das situações de violências, sejam elas, sofridas, praticadas ou presenciadas, conforme o gráfico a seguir:

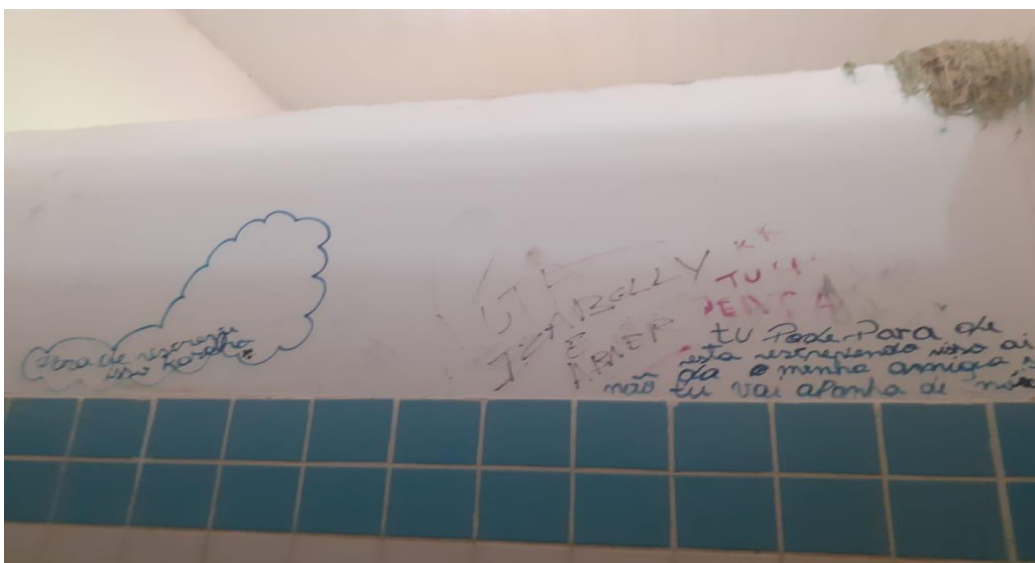
Gráfico 4 – Percentual dos locais onde ocorrem os casos de violências na EMEF José M^a R. Viegas Jr.



Fonte: Pesquisa realizada na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr.

Há uma predominância de ocorrências dentro de sala de aula, só que na ausência do professor (a) (45% dos casos), ou seja, geralmente é na troca de horários, seguida pelas situações que ocorrem pelos pátios e corredores da escola (32% dos casos). Os fatos relatados nos banheiros (13%), sempre são sobre grafites, desenhos, mensagens ofensivas, ameaças e etc, todos no banheiro feminino e, a menor porcentagem de ocorrência, é em sala de aula com a presença do/a professor/a (10% dos casos).

Figura 1 – Grafites com ameaças no banheiro da EMEF José Maria R. Viegas



Fonte: Arquivo pessoal.

A figura 1, mostra os grafites com ameaças em um dos banheiros da EMEF José M^o Rodrigues Viegas Jr., como foi relatado os alunos que participaram da pesquisa. Para melhor entendimento, decodifiquei as mensagens grafadas nas paredes:

“PUTA IZABELLY E ABNER”; Seguido de “TU QUE É KK”; As outras duas mensagens que são possíveis de ler, tratam de pedidos para cessarem os xingamentos e ameaças, “Tu pode para de esta escrevendo isso ai da minha amiga se não tu vai apanhar de nós”; “Para de escrever isso karalho”.

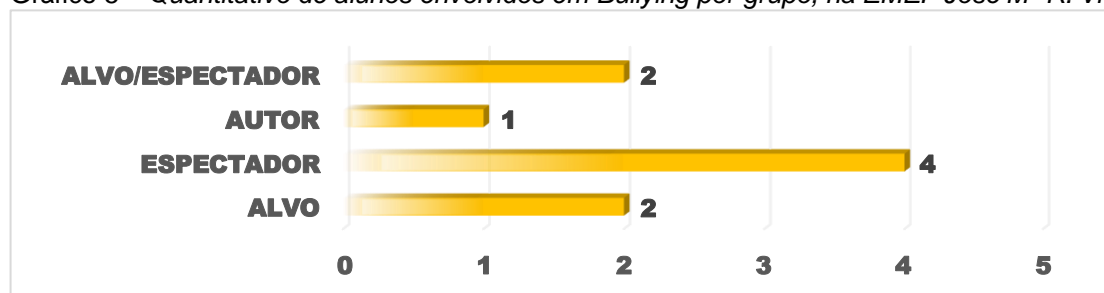
Outros locais também são alvos desse tipo de grafites, alguns direcionados a determinado aluno, outros com ameaças escritas sem nomes.

4.3.2 O bullying na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Junior

A partir dos relatos, foi feita uma análise individual para definir o que se tratava de bullying e quais casos se tratavam de situações isoladas, ou seja, não havia reincidência e, alguns casos de violência recíproca que, um aluno xingava, apelidava, agredia (briga), o outro, não caracterizando assim o bullying. Para lembrar, o bullying é caracterizado por “[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento” (FANTE, 2005, p. 28). Dessa forma, o bullying possui características bem específicas, necessita que todos esses quesitos estejam presentes.

A partir das análises individuais, se pode concluir que mais da metade dos alunos entrevistados (9/17, ou 53%), estão envolvidos em algum caso de bullying na escola. Logo, as situações de violências que foram apresentadas anteriormente, podem perfeitamente representar situações de bullying na escola. Ainda, importa analisar que posição aquele aluno ocupa nas situações ou, como foi apresentado no primeiro capítulo, que “personagem” este aluno está representando.

Gráfico 5 – Quantitativo de alunos envolvidos em Bullying por grupo, na EMEF José M^a R. Viegas Jr.



Fonte: Pesquisa realizada na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr.

A partir das informações que estão apresentadas no gráfico 5, podemos observar que um mesmo aluno pode estar ocupando mais de uma posição (“personagem”) no que diz respeito ao envolvimento nos casos de bullying, 02 entrevistados foram alvos de bullying e, em outra situação, foram espectadores, ou seja, tanto sofreram bullying, quanto presenciaram outros colegas passando pela mesma situação.

Outra constatação, é que a maior parte dos envolvidos, estavam na posição de espectador (6/9, ou 55%) – consideremos aqui, a afirmação do parágrafo anterior –, aqueles que presenciaram outros colegas em situações de bullying, logo após, estão

os que são alvos de bullying (4/9, ou 36%), ou seja, aqueles que sofrem bullying.

Agora, sobre a forma com que ocorre, foi possível observar que a **violência verbal é a forma mais utilizada para de alguma forma atingir o colega**, comumente, apelidos, xingamentos, chacotas, ameaças e outras formas verbalizadas de violências, acabando passando por despercebido no dia a dia escolar, no entanto, quem é atingido com essas palavras, pode acabar guardando consigo, a tristeza, a humilhação do que para alguns não passa de brincadeira. Para melhor exemplificar essa situação, podemos observar os relatos a seguir:

Ela era minha amiga ano passado, aí eu apelidava ela de “boca de velha”, e só por que ela morava no interior nós apelidava ela de “cabuçú”.

- **Ela gostava desse apelido?** Ela não gostava, ela ficava triste.
- **E foi só uma vez?** Não, foram várias vezes.
- **Mas por que vocês apelidavam ela assim?** Por que sempre tinha um menino que eu gostava, aí ela também gostava dele, e só ‘pra’ nós_ meter vergonha, a gente falava esse apelido na frente dele. Quando a gente falava, ela só sentava “na mesa” e abaixava a cabeça.
- **Ela comunicou “pra” alguém?** Não, quase todo mundo apelidava ela. (PALOMA, 14 anos, 2019).

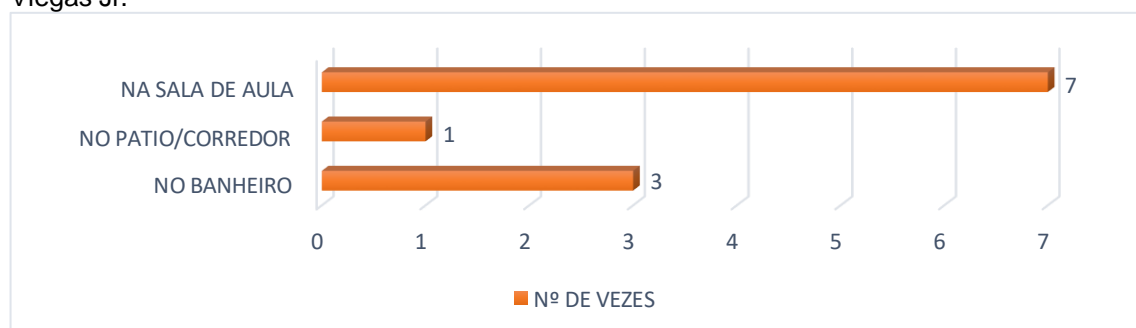
O relato acima, é de uma das entrevistadas, os trechos em negrito são falas (perguntas) do pesquisador, nele podemos observar a intencionalidade, a periodicidade ou repetição e, o resultado, que é justamente constranger a outra colega. A seguir, está mais um recorte obtido das entrevistas com os alunos que evidencia bem este tipo de situação.

- **Nesse ano, ou ano passado, você já sofreu algum tipo de violência aqui na escola? Tipo, apelidos, agressões, situações em que possam ter excluído você de alguma atividade.** Só apelidos.
- **De que forma foi?** Chamavam de baleia.
- **Quem participava?** Só os meninos.
- **Foram quantas vezes?** Diariamente.
- **Você não gostava desse apelido!?** Nunca gostei. Eu ficava triste. Nunca ninguém fez nada ‘pra’ ajudar.
- **Você comunicou ‘pra’ alguém?** Não, eu tinha vergonha. (ROMÁRIO, 12 anos, 2019).

Esse relato, já se trata de um aluno “alvo” de bullying, podemos observar as consequências negativas para o aluno, tudo parece uma brincadeira, no entanto, causa danos àquele que não está se divertindo. Ora, numa brincadeira, todos deveriam se divertir, mas pelo relato acima, é possível perceber que o que estava sendo alvo da “brincadeira” ficou triste e envergonhado.

No que diz respeito aos locais de ocorrência dos casos de bullying, os dados apresentam uma predominância de ocorrências dentro da sala de aula, conforme o gráfico a seguir.

Gráfico 6 – Quantitativo dos locais onde ocorreram os casos de bullying, na EMEF José M^a R. Viegas Jr.



Fonte: Pesquisa realizada na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr.

Essa predominância da ocorrência dos casos dentro da sala de aula, é ratificada pelos dados obtidos na pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), onde “60,2% dos alunos afirmaram que o bullying ocorre mais frequentemente dentro das salas de aula; [...]” (LOPES NETO, 2005, p. S166).

Há de se ressaltar ainda, o posicionamento que os espectadores (aqueles que presenciaram) adotaram diante as situações, a grande maioria, com exceção de 01 (um) dos entrevistados, adotou a posição passiva, que é não apoiar o agressor e nem a vítima ou, adotaram a posição de apoiar o agressor, ou seja, rindo das piadas impróprias, apelidos pejorativos, de uma forma geral, encorajando a ação do agressor. Manarina (2003, apud CATINI, 2004, p. 28) afirma que “Pares, como amigos, são muito importantes na medida em que consigam quebrar a díade agressor-vítima. As crianças que são frequentemente vitimizadas preferem pedir ajuda a outros alunos que aos professores”.

Veladamente, isso pode ser bastante prejudicial para este aluno, Maldonado (2011, p. 31) diz que “presenciar cotidianamente episódios de agressão em casa, na escola e na comunidade exacerba o medo, a ansiedade e a sensação de impotência por achar que nada pode ser feito para modificar esse cenário”, ou seja, considerando um ambiente escolar hostil, onde a violência está constantemente presente, a criança nele inserida estará também sendo afetada, mesmo não se envolvendo diretamente nos casos, presenciar causa medo, angústia, danos psicológicos também.

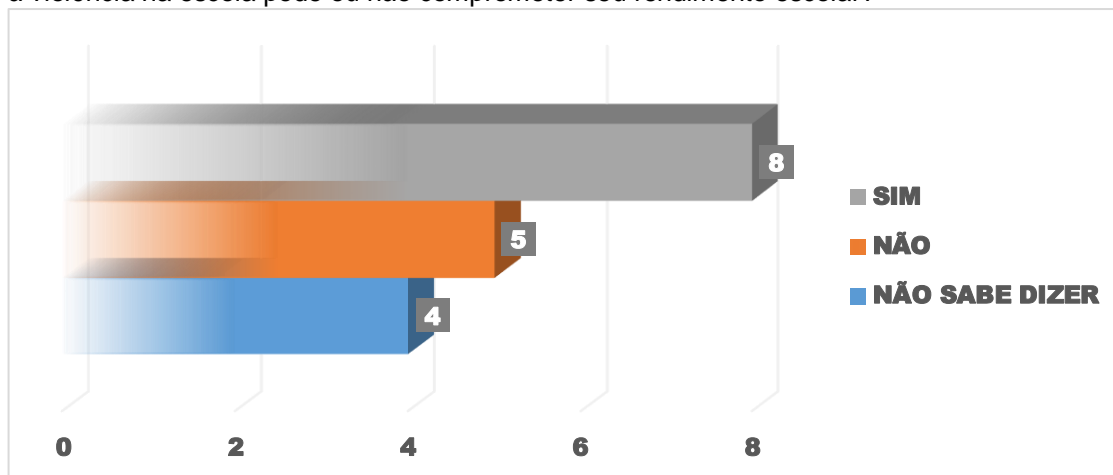
O espectador, além de adotar a atitude passiva, não se envolvendo diretamente nos casos que presencia, pode ainda ser aquele que participa diretamente, só que em duas formas: a primeira, é estimulando o agressor a continuar e a segunda, que é a forma que deve ser a mais propagada no ambiente escolar, é o espectador protetor, que “[...] é composta por espectadores que, por compaixão ou solidariedade, se aliam às vítimas inibindo ou desarmando as ações de bullying” (MALDONADO, 2011, p. 34), ou seja, são aqueles que ao invés de encorajar o agressor, se alia ao agredido, de forma que esse se sinta protegido, e são atitudes como essas que devem ser encorajadas dentro do ambiente escolar.

4.3.3 O bullying e a relação com o rendimento escolar

Neste tópico, serão apresentados os dados relativos ao último bloco de perguntas, que são as considerações extras. Primeiramente, foi perguntado se estar expostos (como alvo, autor ou espectador) a situações de violência e/ou constrangimento, pode vir a comprometer o rendimento escolar dos mesmos e, sem seguida, a pergunta que fecha a entrevista, é sobre a opinião dos alunos sobre a necessidade de haver na escola, projetos voltados à minimização da violência e conseqüentemente do bullying.

Dessa forma, à primeira pergunta, sobre a possibilidade de estarem expostos a situações de violência na escola poder atrapalhar no rendimento escolar dos mesmos, as respostas foram conforme apresentadas no gráfico a seguir:

Gráfico 7 – Quantitativo das respostas dos alunos em relação à pergunta: se estarem expostos à violência na escola pode ou não comprometer seu rendimento escolar?



Fonte: Pesquisa realizada na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr.

Dos 17 alunos entrevistados, 08 afirmaram que SIM, fazer parte dessas situações de violência entre os colegas e contra si mesmo, pode sim causar comprometimentos em seu rendimento escolar, por outro lado, 05 alunos responderam que NÃO e, 04 não souberam responder a pergunta. Dos alunos que afirmaram que pode sim interferir em seu rendimento escolar estar envolvido em situações de violência na escola, fiz recortes de duas das entrevistas, em que os entrevistados expõem de forma mais clara, como isso pode vir a atrapalhá-lo no dia a dia escolar:

Atrapalha sim, por que às vezes até eu me metia no meio, e isso me atrapalhou “tudo”. Eu do 1º até o 6º ano fui um dos melhores alunos, mas aí fui me envolvendo com isso, e me atrapalhou. (ALEX, 14 anos, 2019);
Eu não dou muita importância, mas às vezes a gente perde o foco na aula por causa dos xingamentos. Mas é difícil se concentrar assim, dá vontade de mudar de escola, por que dá medo de ver e acontecer com a gente também. (ANTONIO, 14 anos, 2019).

A partir das afirmações acima colocadas, podemos contrastar com a fala do Dr. Aramis Lopes Neto, onde afirma que:

A escola é de grande significância para as crianças e adolescentes, e os que não gostam dela têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. (LOPES NETO, 2005, p. S165).

Ou seja, se temos uma escola onde a violência, seja ela na forma que for, está presente diariamente ou com constância, acaba sendo prejudicial para a escola como um todo, no entanto, mais ainda, para os alunos, que começam a ficar insatisfeitos, com medo de ir para a escola, causando influência direta no rendimento e na frequência escolar dos mesmos.

A última pergunta feita na entrevista, dava conta sobre a validação, ou não, da necessidade de aplicação de um projeto de intervenção (projeto antibullying) na escola. Sendo assim, foi unânime a opinião dos alunos no sentido que, de fato, seria importante a escola ter projetos voltados – como dito anteriormente – a informar, prevenir e combater a violência e, conseqüentemente, o bullying na escola. Digo unânime, pois, todos os alunos afirmaram que sim, e das mais diversas formas, conforme os recortes dos relatos a seguir:

Trazer pessoas para conversar com os alunos, falar sobre Deus, sobre respeito, sobre não fazer coisas ruins com os colegas. Teve uma vez que o pessoal daquela igreja Maranata 'veio' aqui, e parou mais. (ANTONIO, 14 anos, 2019).

Sim, por que tem muitos casos de alunos que não se respeitam na escola. (KARLA, 13 anos, 2019).

Sim, por exemplo, eu não sabia nada sobre bullying, só agora que vi, por causa da palestra. Ter conversas com os alunos seria legal também. (SUSAM, 12 anos, 2019);

Sim, por que as pessoas começam a se apelidar e não param mais. (PALOMA, 14 anos, 2019);

Seria, por que talvez assim, se a escola começasse desde o cedo esses projetos, talvez hoje nem existisse mais esses problemas. (ALEX, 14 anos, 2019);

Eu acho que precisava, por que tem muito isso aqui na escola. Deveria ter a cada semana essas conversas assim. (EMILY, 12 anos, 2019);

Acho necessário, por que muitas vezes as pessoas acabam fazendo algumas coisas que não se deve fazer. (ALAN, 13 anos, 2019);

Aham, só que mesmo assim ainda vão continuar eu acho. (VITOR, 12 anos, 2019);

Acho que sim. Só que o ruim é que eles fazem esses negócios aqui e ninguém consegue compreender. (GABRIELA, 12 anos, 2019);

Sim, por que dando a palestra, já mostra 'pro' aluno não fazer isso. (RENAN, 14 anos, 2019).

Os relatos são diversos, mas sempre com o mesmo sentido, os alunos apontam para a necessidade de que a escola trabalhe de forma mais constante a questão do bullying na escola, pois a ausência de projetos voltados a essa temática também é percebida pelos alunos, mas estes não dificilmente se manifestam perante a gestão da escola, ficando o assunto sem ser abordado por não acharem importante ou necessário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bullying, quanto fenômeno mundial, pode se manifestar em toda e qualquer escola, e das mais diversas formas e graus de incidência, causando impactos negativos para o aluno e o ambiente escolar como um todo. No entanto, não é possível afirmar que ocorre ou não casos de bullying em determinada escola, sem antes ter a comprovação desta afirmação. Para isso, são necessárias pesquisas específicas para avaliar a ocorrência ou não de bullying na escola, somente assim, se pode afirmar munido de dados cientificamente comprovados.

O presente trabalho, além de apresentar o trajeto histórico da criança, e suas particularidades até esta ser reconhecida quanto cidadã que precisam ter seus direitos garantidos, possibilitou fazer uma análise ampla, dentro de suas restrições temáticas, sobre o fenômeno bullying e seus impactos negativos para a criança e o ambiente escolar e, ainda, conhecer um pouco sobre as dimensões com que os estudos acerca desta problemática estão tomando no Brasil, mobilizando cada vez mais profissionais e de várias áreas de atuação.

Desta forma, buscou-se evidenciar a incidência ou não do bullying em uma escola no município de Melgaço/PA. Para isso, foi realizada uma pesquisa com alunos e professores da EMEF José Maria Rodrigues Viegas Junior. Os resultados da pesquisa foram satisfatórios e contrastam com os resultados de pesquisas apontam a presença de casos de bullying entre alunos durante o ano de 2018 e 2019, onde prevalece a forma verbal, principalmente por apelidos pejorativos e xingamentos constantes, seguido de grafites depreciativos, principalmente no banheiro da escola. Quanto aos professores, foi constatada a ausência de projetos e formações voltadas a essa problemática, sendo um assunto ainda pouco debatido, principalmente entre professores e alunos. Ainda, a partir das falas dos alunos em relação ao problema, é possível perceber a necessidade ainda de projetos de combate e prevenção do bullying na escola.

Os resultados da pesquisa representam um ponto inicial para as pesquisas dessa natureza no município de Melgaço/PA e na região marajoara, podendo servir ainda de base para projetos e ações futuras que possam ser postas em prática na referida escola. Considerando a amplitude de possibilidades de estudo sobre esta problemática, em trabalhos futuros, pesquisas mais abrangentes podem ser conduzidas no município e na região, buscando apresentar de forma mais amplas os

índices de bullying entre alunos na escola. Outros pontos ainda podem ser abordados de forma mais aprofundada, como as patologias que os alunos vitimados pelo bullying podem desenvolver, a legislação, currículo, formação, intervenção e outros aspectos que o bullying envolve no ambiente escolar e na vida da criança.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. P. de; WILLIAMS, L. C. de A.; D'AFFONSECA, S. M. Efeitos tardios do bullying e transtorno de estresse pós-traumático: uma revisão crítica. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 91-98, Mar. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722013000100011>>. Acesso em: 12 Nov. 2019.
- ANTUNES, Deborah Christina. **Bullying: razão instrumental e preconceito**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1981.
- BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, DF: 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm> Acesso em: 22 dez. 2018.
- _____. Lei Nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, DF: 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm> Acesso em: 28 dez. 2018.
- _____. Constituição da República Federativa do Brasil, [1988]. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2019. Disponível em: <<https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2019.
- CATINI, Nilza. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. 2004. 204 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas/SP, 2004. Disponível em <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/441>>. Acesso em: 07 dez. 2018.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade – BULLYING: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: editora Gente, 2008.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar Para a Paz**. 2ª ed. Campinas, SP: Verus, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Luiz Flávio; SANZOVO, Natália Macedo. Bullying e Prevenção da Violência nas Escolas: quebrando mitos, construindo verdades. *In*: BIANCHINI, A.; MARQUES, I. L.; GOMES L. F. (Coord.). **COLEÇÃO SABERES**

MONOGRÁFICOS. São Paulo: Saraiva, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. População dos Municípios do Pará. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2010.

Disponível em:

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Educacao_e_Deslocamento/xls/para_munic_xls.zip> Acesso em: 11 fev. 2019.

KOO, Hyojin. A Time Line of the Evolution of School Bullying in Differing Social Contexts. **Asia Pacific Education Review**, Vol. 8, No. 1, 107-116. 2007.

Disponível em: <<https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ768971.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatria** (Rio J.), v. 81, n. 5, supl. p. s164-s172, Porto Alegre: nov. 2005.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 jul. 2018.

MALDONADO, Maria Tereza. **Bullying e Cyberbullying: o que fazemos com o que fazem com nós?**. São Paulo: Moderna, 2011.

MANZINI, Raquel Gomes; BRANCO, Angela Uchoa. **Bullying: Escola e família enfrentando a questão.** Porto Alegre: Mediação, 2017. 176 p.

MELGAÇO. Conselho Tutelar Municipal. **Ofício nº 017/2019.** Melgaço, PA: Conselho Tutelar de Melgaço, 24 jan. 2019b.

MELGAÇO. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Político Pedagógico da EMEF José Maria Rodrigues Viegas Junior.** Melgaço, PA: SEMED, 2019a.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 18ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

OLWEUS, Dan. Bullying/victim problems in school: facts and intervention.

European Journal of Psychology of Education, vol. XII, nº 4. 495-510, 1997.

Disponível em: Acesso em: 4 dez. 2018.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, Maura Regina (Org.). **Conceitos e formas de violência.** Caxias do Sul, RS: Educus, 2016.

PNUD Brasil. **Desenvolvimento Humano e IDH.** [S.l.]: PNUD, 2019. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>> Acesso em: 12 jan. 2019.

PLAN International Brasil. **Manual prático: bullying não é brincadeira.** 2019.

Disponível em: < https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/03/manual_bullying_sem.compressed.pdf>.

Acesso em: 15 jan 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia de Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2ª Ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RIGBY, Ken. Addressing bullying in schools: theory and practice. Trends & issues in crime and criminal justice no. 259. Canberra: 2003. **Australian Institute of Criminology**. Disponível em: <<https://www.aic.gov.au/publications/tandi/tandi259>>. Acesso em: 25 set. 2019.

RIGBY, K. SMITH, P. PEPLER, D. Working to prevent school bullying: key issues. In: SMITH, P. PEPLER, D. RIGBY, K. **Bullying in schools: how successful can interventions be?**. New York, EUA: Cambridge University Press, 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/291314191_Bullying_in_schools_How_successful_can_interventions_be>. Acesso em: 27 nov. 2018.

SALDANHA, Alexandre. **Bullying e Direito**. [S.l.]: Editora Online Corujito, 2013. Disponível em: <<https://alexandresaldanhaadvogadoantibullying.blogspot.com/2013/08/livro-bullying-e-direito-download.html?m=1>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas na escola**. 2ª ed. São Paulo, SP: Globo, 2015.

SILVA, Cintia Santana. COSTA, Bruno Lazzarotti Diniz. Opressão nas escolas: bullying entre estudantes do ensino básico. **CADERNOS DE PESQUISA**. v. 46, n. 161, p. 638-663, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/198053143888>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

SUSIN, Fernanda Prux; FLEITAS, Horacio Francisco Rodriguez. O mal-estar na civilização e a gênese da violência. In: MODENA, Maura Regina (Org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Bullying em Escolas Públicas Estaduais dos Municípios de Soure e Salvaterra da Ilha do Marajó (PA), em 2012**. Belém, PA: 2013. Disponível em: <[http://lasig.ufpa.br/relatorio/2015/15%20-%20Bullying%20em%20Escolas%20P%C3%ABlicas%20Estaduais%20dos%20Munic%C3%ADpios%20de%20Soure%20e%20Salvaterra%20da%20Ilha%20do%20Ma raj%C3%B3%20\(PA\),%20em%202012](http://lasig.ufpa.br/relatorio/2015/15%20-%20Bullying%20em%20Escolas%20P%C3%ABlicas%20Estaduais%20dos%20Munic%C3%ADpios%20de%20Soure%20e%20Salvaterra%20da%20Ilha%20do%20Maraj%C3%B3%20(PA),%20em%202012)>. Acesso em: 24 jun. 2019.

ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 3-17, Set. 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000300002>>. Acesso em: 30 out. 2019.

Sites Consultados:

ADAMS, Lorraine. RUSSAKOF, Dale. Dissecting Columbine's Cult of the Athlete. **The Washington Post**, Washington, 12 jun. 1999. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/national/daily/june99/columbine12.htm>>. Acesso em: 30 set. 2019.

ALBUQUERQUE, Rogerio. Aramis Antonio Lopes Neto. **SBP**, 2014. Disponível em: <<http://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/aramis-antonio-lobes-neto/>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

ATLAS. **Atlas Brasil**, [s.d]. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/idhm/>. acesso em 13 fev. 2019.

G1. Atirador entra em escola em Realengo, mata alunos e se suicida. **Rede Globo**. Rio de Janeiro, RJ: 7 abr. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html>>. Acesso em: 01 out. 2019.

OBMASCIK, Mark. Columbine high School shooting leaves 15 dead, 28 hurt. **The Washington Post**, Washington, 21 abr. 1999. Disponível em: <<https://www.denverpost.com/1999/04/21/columbine-high-school-shooting>>. Acesso em: 29 out. 2019.

PALESTRANTE: Prof^a Dr.^a Cleo Fante. **Tantas Palavras**. Disponível em: <<http://www.tantaspalavras.com.br/palestrante-conferencista/profa-dra-cleo-fante/>> Acesso em: 15 jan. 2019.

PROJETO contra o bullying na escola Frei Faustino Legarda. **Afua.pa.gov**, 16 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.afua.pa.gov.br/projeto-contra-o-bullying-na-escola-frei-faustino-legarda/>>. Acesso em 24 jun. 2019.

QEDU Academia. Aprendizado dos alunos, Melgaço. **QEdu**, c2019. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/cidade/3364-melgaco/aprendizado>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

RIGBY, Ken. Defining bullying: a new look at an old concept. **Kenrigby**, c2019. Disponível em: <<http://www.kenrigby.net/02a-Defining-bullying-a-new-look>>. Acesso em: 29 set. 2019.

SALDANHA, Alexandre. Quem é Alexandre Saldanha. **Alexandre Saldanha Advogado Antibullying**, 2011. Disponível em: <<https://alexandresaldanhaadvogadoantibullying.blogspot.com/2011/05/quem-e-alexandre-saldanha.html?m=1>>. Acesso em: 04 out. 2019.

VEJA. Atirador de Realengo sofria bullying no colégio, diz ex-colega, **Revista Veja Abril**. 8 abr. 2011. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/atirador-de-realengo-sofria-bullying-no-colegio-diz-ex-colega/>>. Acesso em: 30 out. 2019.

APÊNDICE A – Modelo do questionário entregue aos docentes e técnicos administrativos da EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr.

QUESTIONÁRIO SOBRE OS ÍNDICES DE VIOLÊNCIAS ENTRE ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR

(Para professores (as), coordenador (a), diretor e vice)

Olá, esse questionário contém algumas perguntas abertas sobre a incidência de atos de violências entre alunos na escola. Pedimos para considerar as atitudes de violências em todas suas tipificações: verbal, moral, psicológica, física, sexual e virtual. Apesar do questionário ser realizado na forma de perguntas abertas, não se faz necessário colocar o nome, somente uma identificação básica contida no próprio questionário, uma vez que nossa intenção é, única e exclusivamente, contribuir com a instituição e produzir materiais que servirão para nossa vida acadêmica.

A pesquisa tem como objetivo levantar informações e partir delas, verificar se o *bullying* entre alunos, ocorre ou não na escola. Com o corpo docente e administrativo, a pesquisa irá buscar identificar de que forma a escola está lidando com os casos de violências entre os alunos, por isso sua participação é de suma importância para que, futuramente, possamos elaborar projetos de intervenção que visem contribuir com a instituição. Desta forma, sua participação é de fundamental importância para o êxito da pesquisa.

Para o preenchimento do questionário, você pode fazê-lo nos espaços de cada pergunta ou utilizar as folhas de papel fornecidas pelo responsável da pesquisa, basta que indique o bloco (I ou II) e o número da pergunta.

BLOCO I

1. Função que exerce na instituição: () Professor (a);
() Diretor (a);
() Vice-diretor (a);
() Secretário (a).

Diretor (a), Vice-diretor (a) e secretário (a), pode passar diretamente para o BLOCO II deste questionário.

2. (Para professores/as) Qual/quais disciplina/s que ministra?
3. Quais as turmas que atende?
4. Qual sua carga horária na escola?
5. Há quantos anos trabalha como professor/a?

BLOCO II

1. Você presenciou algum ato de violência entre alunos dentro da escola? Se sim, que tipo de violência foi (física, verbal, virtual e etc.)?
2. Qual/Quais providências você tomou diante a situação?
3. No 2º semestre do ano de 2018, você ficou sabendo (através de terceiros) sobre atos de violências ocorridas entre alunos da escola? Se sim, especifique que tipo de situação foi.
4. Atos de violências entre alunos, acontecem com que frequência na escola?
5. Quais tipos de providências são tomados com os alunos e alunas que praticam atos de violências na escola?
6. A escola oferece algum programa/projeto de informação que vise o combate ou prevenção da violência para os alunos?
7. A instituição promoveu algum tipo de capacitação ou palestra para professores voltada a essa temática? Se sim, especifique (em que ano; ministrada por quem ou qual instituição;).
8. Na sua opinião, de que forma a instituição pode contribuir para que o espaço escolar possa ser mais harmonioso entre alunos (as), professores (as), equipes gestora e de apoio?

Muito Obrigado por sua participação!

APÊNDICE B – Roteiro base utilizado para as entrevistas com os alunos participantes da pesquisa na EMEF José M^a Rodrigues Viegas Jr.

**ROTEIRO/FICHA PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA
(Instrumento utilizado com os alunos/as)**

Logo após a identificação e informações básicas do entrevistado, é importante ressaltar o conceito de violências que estará sendo abordado, que não está relacionado somente à violência física propriamente dita, vias de fato, mas sim aos demais tipos, como: xingamentos; apelidos pejorativos; exclusão social; assédio moral e/ou sexual; esconder, danificar ou furtar objetos, ocorrências via recursos cibernéticos e etc. fazer uma pequena introdução em forma de diálogo.

Você irá participar de uma entrevista, a qual é parte de um projeto de pesquisa que irá buscar verificar se está presente em sua escola o fenômeno chamado *bullying*. Você poderá ajudar relatando os casos de violências entre colegas que você já presenciou, já sofreu ou, já praticou. Fique à vontade para relatar o que achar conveniente, se houver alguma pergunta que não queira responder, você está livre para pedir para passar a pergunta.

1. IDENTIFICAÇÃO: Diagnóstico inicial com o entrevistado.

- 1.1. Nome Fictício (ex.: E1):
- 1.2. Idade:
- 1.3. Sexo;
- 1.4. Cor/Etnia;
- 1.5. Religião;
- 1.6. Estudou nesta mesma escola no ano de 2018?
- 1.7. Possui telefone celular?
- 1.8. Tem acesso à internet?
- 1.9. Possui perfis em redes sociais? Em quais?
- 1.10. Você tem amigos na escola? Quantos?
- 1.11. Você considera que tem inimigos na escola? Quantos?
- 1.12. Você já ouviu alguma coisa relacionado ao bullying na escola? Se SIM, por parte de quem?
- 1.13. Você acha que ocorre casos de bullying e/ou cyberbullying em sua escola?

2. Sobre possivelmente ter sido ALVO de violências no ambiente escolar.

- 2.1. Você foi alvo de algum tipo de violência durante sua vida escolar? 2.2. Se sim, de que forma foi?
- 2.3. Quem participou da agressão (Meninos ou meninas)?
- 2.4. A agressão foi apenas uma vez ou aconteceu outras vezes além da citada? Quantas vezes mais? Eram as mesmas pessoas?
- 2.5. Você acha que poderia se defender das agressões que sofreu?
- 2.6. Onde ocorreu a agressão? Ou em quais locais geralmente ocorrem?
- 2.7. Como você se sentiu psicologicamente?
- 2.8. Por qual motivo você acha que sofre ou sofreu as agressões?
- 2.9. Alguém presenciou? Se sim, o que essa/essas pessoa/as fez/fizeram?
- 2.10. Qual era intenção das pessoas que lhe agrediram?
- 2.11. O que você fez ao sofrer as agressões?
- 2.12. Você comunicou para alguém sobre a agressão sofrida? Se sim, para quem? Se não, por qual motivo?
- 2.13. Você acha que ter passado ou passar por essas situações pode comprometer em seu rendimento escolar?
- 2.14. Você foi alvo de algum tipo de agressão por meios virtuais? (Se a resposta for SIM, refazer as perguntas dos itens 2.2, 2.3, 2.6, 2.9, 2.10, 2.11 e 2.12)

3. Sobre ter PRESENCIADO (espectador) casos de agressões entre colegas dentro da escola.

- 3.1. Durante sua vida escolar, você presenciou algum colega sendo alvo de algum tipo de agressão dentro da escola?
- 3.2. De que forma foi? Em qual local da escola?
- 3.3. De que sexo eram os envolvidos (vítimas e agressores)?
- 3.4. Quantas vezes foram?
- 3.5. Você sabe dizer o que motivou a agressão?
- 3.6. Você acha que o colega que estava sendo agredido tinha como se defender?
- 3.7. O que você fez diante da situação? Tentou intervir; apoiou o agressor; chamou alguém para ajudar; comunicou a algum adulto da escola?
- 3.8. Você acha que ter presenciado essa situação pode comprometer em

seu rendimento escolar ou causado algum tipo de trauma da escola?

4. Sobre PRATICAR agressões contra colegas (bullies)

- 4.1. Durante sua vida escolar, você agrediu algum colega dentro da escola?
- 4.2. Se SIM, de que forma foi?
- 4.3. Teve algum motivo específico?
- 4.4. Quantas vezes foram?
- 4.5. Qual era seu objetivo com as agressões? Que sentimento queria causar nele (a)?
- 4.6. Em que locais geralmente você praticava essas ações?
- 4.7. Qual seu sentimento ao praticar essas ações contra o/a colega?
- 4.8. Você acha que ter praticar essas atitudes pode comprometer em seu rendimento escolar?

5. Considerações extras

- 5.1. Na sua opinião, de que forma a escola poderia agir para acabar com esse problema?

ANEXO A – Resposta do Conselho Tutelar de Melgaço, ao ofício 001/2018

**CONSELHO TUTELAR DE MELGAÇO**Rua Francisco Leite, 198 – Centro – Cep 68490-000
Melgaço - Pará

Ofício nº017 /2019

Do: Conselho Tutelar de Melgaço Estado do Pará

Para: YAN LUIS LIMA DE SOUZA

Este Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, órgão permanente e autônomo, encarregado pela sociedade em zelar pelos direitos da criança e do adolescente com atribuições contidas no artigo 136 do ECA, vem mui respeitosamente responder o ofício 001 onde o mesmo requer informação e estáticas referente e violência entre alunos no ambiente escolar.

Este conselho tutelar no decorrer de suas funções recebeu apenas 10 denúncias de violências entre alunos. Essas todas, foram recebidas da única escola José Maria Rodrigues Viegas Júnior. Em razão da gravidade das denúncias este conselho orientou a direção da escola à encaminha diretamente a delegacia se houvesse necessidade o responsável da delegacia chamaria o Conselho Tutelar.

Certo de sua compreensão venho renovar meus votos de estima e alto apreço.

MARIA MARCIANY VIEGAS MOREIRA

Coordenadora do Conselho Tutelar

Melgaço, 24 de janeiro de 2019.

